

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/374134845>

# Descripción fonético-fonológica del quechua de Chachapoyas con especial atención en el acento y la monoptongación

Chapter · September 2023

DOI: 10.29327/5382304.1-7

---

CITATIONS

0

READS

208

2 authors, including:



Jairo Valqui

National University of San Marcos

38 PUBLICATIONS 127 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

MARÍA ALEJANDRA REGÚNAGA,  
DIONEY MOREIRA GOMES E  
ARTHUR BRITTA SCANDELARI  
(ORGANIZADORES)

# DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NA AMÉRICA

## LÍNGUAS AMERÍNDIAS (V. 2)



Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.  
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia  
sem a autorização escrita da Editora.  
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.  
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

### **PARECER E REVISÃO POR PARES**

Os capítulos que compõem esta obra foram submetidos para  
avaliação e revisados por pares.

---

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)** **Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo - SP)**

---

R344d Regúnaga, María Alejandra; Gomes, Dionei Moreira; Scandelari, Arthur Britta (orgs.).  
Diversidade linguística na América: Línguas ameríndias - Volume 2 /  
Organizadores: María Alejandra Regúnaga, Dionei Moreira Gomes  
e Arthur Britta Scandelari.  
1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2023; figs.; tabs.; quadros; fotografias.  
E-book: 8 Mb; PDF.

Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-65-5637-800-8.

1. Ensino. 2. Linguística. 3. Pesquisa Científica. 4. RICIDIL. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

---

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Pesquisa científica. 001.42
2. Linguística. 410
3. Línguas nativas Norte Americanas. 497
4. Línguas nativas Sul Americanas. 498

MARÍA ALEJANDRA REGÚNAGA,  
DIONEY MOREIRA GOMES E  
ARTHUR BRITTA SCANDELARI  
(ORGANIZADORES)

**DIVERSIDADE  
LINGUÍSTICA NA AMÉRICA  
LÍNGUAS AMERÍNDIAS (V. 2)**

*Copyright © 2023 - Dos organizadores representantes dos colaboradores*

*Coordenação Editorial: Pontes Editores*

*Editoração: Eckel Wayne*

*Capa: Acessa Design*

*Imagen de capa elaborada por Francisco Osorio e María Alejandra Regúnaga*

*Primeira revisão: Arthur Britta Scandelari*

*Segunda revisão: Antonio Henrique Coutelo de Moraes*

## **CONSELHO EDITORIAL:**

**Angela B. Kleiman**

(Unicamp – Campinas)

**Clarissa Menezes Jordão**

(UFPR – Curitiba)

**Edleise Mendes**

(UFBA – Salvador)

**Eliana Merlin Deganutti de Barros**

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

**Eni Puccinelli Orlandi**

(Unicamp – Campinas)

**Glaís Sales Cordeiro**

(Université de Genève - Suisse)

**José Carlos Paes de Almeida Filho**

(UnB – Brasília)

**Maria Luisa Ortiz Alvarez**

(UnB – Brasília)

**Rogério Tilio**

(UFRJ – Rio de Janeiro)

**Suzete Silva**

(UEL – Londrina)

**Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva**

(UFMG – Belo Horizonte)

## **PONTES EDITORES**

Rua Dr. Miguel Penteado, 1038 - Jd. Chapadão

Campinas - SP - 13070-118

Fone 19 3252.6011

[ponteseditores@ponteseditores.com.br](mailto:ponteseditores@ponteseditores.com.br)

[www.ponteseditores.com.br](http://www.ponteseditores.com.br)

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
PREFÁCIO .....	10
INTRODUÇÃO.....	13
<b>Capítulo 1</b>	
A ESTRUTURA ARGUMENTAL DE VERBOS, NOMES E POSPOSIÇÕES EM LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ .....	19
Aline da Cruz, Marina M. Silva Magalhães e Walkiria Neiva Praça	
<b>Capítulo 2</b>	
EL SOL, LA LUNA Y LOS ECLIPSES EN LA DOCUMENTACIÓN DE SABERES: COSMOVISIÓN, RECURSOS RETÓRICOS Y LEXICOGRÁFICOS.....	53
Zarina Estrada Fernández	
<b>Capítulo 3</b>	
CONSTRUCCIONES RECÍPROCAS Y RELACIONES SIMÉTRICAS EN MOCOVÍ Y TOBA (GUAYCURÚ).....	80
Cristian R. Juárez e Adriana A. Zurlo	
<b>Capítulo 4</b>	
EL PROBLEMA DE LA TRANSCRIPCIÓN DE LA LENGUA YAGÁN EN CONTEXTOS MISIONEROS .....	116
María Alejandra Regúnaga	
<b>Capítulo 5</b>	
TERMINOLOGIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA: OS SINTAGMAS POSPOSICIONAIS EM LÍNGUAS DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ.....	174
Arthur Britta Scandelari e Dioney Moreira Gomes	

**Capítulo 6**

- ENTRE COMPOSICIÓN Y LEXICALIZACIÓN: LEXEMAS NOMINALES COMPLEJOS EN URARINA (*KACHA ERE*) DESDE UNA PERSPECTIVA CONSTRUCCIONAL Y COGNITIVA ..... 212

Gema Silva e Jaime Peña

**Capítulo 7**

- DESCRIPCIÓN FONÉTICO-FONOLÓGICA DEL QUECHUA DE CHACHAPOYAS CON ESPECIAL ATENCIÓN EN EL ACENTO Y LA MONOPTONGACIÓN ..... 241

Jairo Valqui e Walter Chalco

AGRADECIMENTOS ..... 272

SOBRE OS AUTORES ..... 274

ÍNDICE REMISSIVO ..... 281

## APRESENTAÇÃO

A avaliação dos resultados do Ano Internacional das Línguas Indígenas, promovido em 2019 pela Unesco, apresenta números alarmantes: 40% das 7.000 línguas que se estima existirem no mundo estão em perigo de extinção, e a maioria delas são línguas indígenas. Essas línguas continuam desaparecendo a um ritmo incessante, e, com elas, extinguem-se culturas inteiras e modos de vida (Unesco, 2021, p. 1)<sup>1</sup>. Uma conclusão imediata dessa realidade foi que um único ano não seria suficiente para desenvolver ações que viabilizassem o respeito à diversidade linguística e cultural, razão pela qual se instituiu a Década Internacional das Línguas Indígenas (DILI), no período de 2022 a 2032.

A ação é crucial para nosso continente, que subsiste há séculos em uma condição sabidamente dramática. A América possui uma quantidade incrivelmente alta de línguas isoladas, que corresponde a cerca de metade das línguas isoladas de todo o mundo.<sup>2</sup> Esse dado impressionante é sintomático de nossa história e dos desafios que enfrentamos: o extermínio passado e presente de povos originários, a extinção de suas línguas e a carência de recursos para pesquisas científicas.

1 Unesco. (2021). *Evaluation of UNESCO's action to revitalize and promote indigenous languages: within the framework of the International Year of Indigenous Languages*. Paris: UNESCO. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000376719.locale=fr>. Acesso em: 9 abr. 2023.

2 Glottolog 4.7. Editado por Hammarström, Harald; Forkel, Robert; Haspelmath, Martin; Bank, Sebastian. Disponível em: <https://glottolog.org/glottolog/family>. Acesso em: 9 abr. 2023.

De acordo com o *Atlas of the world's languages in danger*, publicado pela Unesco em 2010, a maioria das línguas americanas estava ameaçada de extinção.<sup>3</sup> Esse cenário se manteve e se confirmou mais de uma década depois, no documento de 2021. Isso significa que a rápida eliminação da diversidade é uma tendência que não temos conseguido reverter. Para enfrentar essa situação, é imprescindível a atuação conjunta em frentes distintas, como identificação, documentação, descrição, proteção, reconhecimento e valorização das línguas, incluindo estudos voltados à etnolinguística e à diversidade tipológica, sempre com o envolvimento e o protagonismo dos povos originários das terras americanas.

Nesse percurso, é importante que nos sensibilizemos para a ampla dimensão de uma língua. Cada língua existente pode ser compreendida como suporte do patrimônio cultural da humanidade. A redução da diversidade linguística apaga costumes, histórias, tradições, identidades, memórias, experiências, técnicas, saberes, crenças, modos de viver, comportamentos, formas de expressão, rituais, danças, músicas, literaturas, mitologias, formas de organização, enfim... rompe a transmissão de todos esses conhecimentos e os apaga da história humana.

A série *Diversidade linguística na América* busca se opor a essas perdas. Propomos que ela seja um meio para expandir, aprofundar e consolidar o conhecimento e a preservação da diversidade de línguas americanas, baseado nos avanços de distintas perspectivas teórico-analíticas da Linguística (descritiva, comparativa, diacrônico-evolutiva, de contato, tipológico-funcional, cognitiva, entre outras) e de outras áreas, como Antropologia, Arqueologia, Genética e novas tecnologias.

Com a publicação deste segundo volume, acreditamos contribuir para proteger e valorizar o patrimônio linguístico e cultural

<sup>3</sup> Unesco. (2010). *Atlas of the world's languages in danger*. 3rd ed. Paris: UNESCO. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000187026>. Acesso em: 9 abr. 2023.

dos povos originários da América. A manutenção desse patrimônio imaterial da humanidade, contudo, não depende apenas do esforço científico, mas também de políticas públicas, práticas institucionais e ações individuais, executadas com reconhecimento e respeito aos povos que o produziram e o mantiveram por tantos séculos. O resguardo da diversidade de línguas é uma das facetas do respeito à diversidade étnica e sociocultural, e favorece um olhar de apreço pela pluralidade que caracteriza os seres humanos.

## PREFÁCIO

Organizada em sete capítulos, esta coletânea é o segundo volume da série *Diversidade linguística na América*. Os dois volumes têm origem no Projeto 9 da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), o qual dá nome a ambos, e na Rede de Investigação e Cooperação Interinstitucional sobre Diversidade Linguística (RICIDIL). Os livros concretizam um dos objetivos principais do projeto, voltado à divulgação dos avanços obtidos na identificação e descrição da diversidade dos sistemas linguísticos e na geração de conhecimento sobre línguas ameaçadas, minoritárias ou minorizadas, sempre com a preocupação de pensar estratégias de preservação da diversidade linguística.

A RICIDIL é uma rede composta de universidades situadas na Argentina, no Brasil, no Chile e no México, criada com o objetivo de produzir e compartilhar conhecimentos, especialmente os relativos à diversidade linguística do continente americano, além de propiciar o intercâmbio de pesquisadores das instituições.

Os capítulos aqui reunidos resultam de pesquisas conduzidas em quatro dessas universidades, quais sejam: *Universidad de Sonora* (Unison, México), *Universidad Nacional de La Pampa* (UNLPam, Argentina), *Universidad Nacional del Nordeste* (UNNE, Argentina) e Universidade de Brasília (UnB, Brasil). Além de pesquisas realizadas em cinco outras instituições: *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* (CONICET, Argentina), *Pontifícia Univer-*

*sidad Católica del Perú* (PUCP, Peru), Universidade Federal de Goiás (UFG, Brasil), *Universidad Nacional Mayor de San Marcos* (UNMSM, Peru) e *University of Texas at Austin* (UT, Estados Unidos). Trata-se, pois, de coletânea de pesquisas.

Os diferentes países de origem dos autores e dos organizadores da obra, neste último caso, Argentina e Brasil, se refletem nos idiomas que compõem os capítulos, o Castelhano e o Português, e concorrem para criar uma série multilíngue de produções científicas. Tais produções resultam de trabalhos de campo, linguísticos e etnográficos, revisões bibliográficas e pesquisas em documentos históricos.

A publicação vincula-se às linhas de pesquisa de instituições representadas pelos organizadores da obra, o *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* (CONICET) e o Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UnB. No âmbito daquele, selecionamos produções referentes a línguas indígenas extintas ou em risco de extinção e à documentação etnolinguística. Neste, agrupamos pesquisas na área de concentração de teoria e análise linguística, centradas em descrição e análise formal e funcional. Todos os manuscritos passaram por dois processos de avaliação por pares: cega e identificada. Antes disso, todos os textos haviam sido apresentados em evento da ALFAL, o XIX Congresso Internacional da ALFAL, realizado em 2021, de forma remota.

A presente obra destina-se principalmente a especialistas da área, como docentes e pesquisadores, mas também a estudantes de pós-graduação e especialistas de áreas afins, a exemplo de antropólogos e arqueólogos, cujos ensinamentos são contemplados neste volume.

Na Introdução, são fornecidos resumos dos conteúdos trabalhados em cada capítulo. O minicurrículo das autoras e dos autores pode ser consultado na seção intitulada “Informações sobre os autores”. Adicionalmente, disponibilizamos índice remissivo com os

principais termos empregados em cada texto, os quais englobam, entre outros, os nomes de dezenas de línguas.

Em conjunto, tais pesquisas podem contribuir para o desenvolvimento científico e social, em questões referentes a línguas ameaçadas, à identidade cultural de seus falantes e à preservação do patrimônio cultural imaterial humano. O formato digital, a distribuição gratuita e o caráter bilíngue da obra reforçam essas possibilidades, ao favorecer a ampla circulação e divulgação do conhecimento, seja no meio acadêmico nacional, seja fora dele.

## INTRODUÇÃO

Com o intuito de fornecer uma visão geral dos conteúdos e um meio prático de consulta, disponibilizamos a seguir os resumos de todos os capítulos da obra.

### **A estrutura argumental de verbos, nomes e posposições em línguas Tupí-Guaraní**

Este estudo investiga a estrutura argumental de sintagmas verbais, nominais e adverbiais, especialmente os posposicionais, em quatro línguas da família Tupí-Guaraní (Brasil), a saber, Tupinambá, Apyãwa, Guajá e Kamaiurá, e compara as diferenças e semelhanças na expressão de seus argumentos, levando em consideração que nessas línguas verbos, nomes e advérbios podem funcionar como predicados sem morfologia derivacional ou cópula (Seki, 2000; Cruz; Magalhães; Praça, 2019). Cruz, Magalhães e Praça apresentam sua argumentação para a hipótese proposta de que a diferença entre a estrutura argumental dos sintagmas verbais quando comparada com a dos nominais e posposicionais é a de que os argumentos dos verbos nunca podem ser expressos por SNs, sendo estes, quando ocorrem, sempre adjuntos. Já o compartilhamento, pelas três classes, de um paradigma de marcadores pessoais para expressar o objeto dos verbos divalentes, o argumento único de verbos monovalentes estativos, o possuidor de nomes divalentes e o objeto da posposição é apontado como motivação para uma melhor caracterização deste

paradigma como tendo a função geral de expressar o argumento interno de qualquer tipo de sintagma nessas línguas.

### **El sol, la luna y los eclipses en la documentación de saberes: cosmovisión, recursos retóricos y lexicográficos**

La lingüística de mediados del siglo XX despierta al tema de la pérdida de la diversidad de lenguas del mundo y dedica una gran cantidad de esfuerzos a la investigación de ellas, sobre todo porque la pérdida de estas lenguas implica también la pérdida de una visión cultural. El presente trabajo de Estrada Fernández ofrece una panorámica de las creencias o saberes sobre el sol, la luna y/o los eclipses que proviene de cuatro pueblos originarios del noroeste de México que hablan lenguas de la familia yuto-azteca. El material procede de pláticas informales, discursos espontáneos y otros logrados mediante un estímulo previo. La documentación de los mismos tiene la intencionalidad de recuperar parte de la cosmovisión de los pimas bajos (*o'ob*), yaquis (*yoeme*), tarahumaras (*raramuli*) y de los tepehuanos del norte (*odami*). El análisis identifica aspectos temáticos de la cultura celeste y recupera los recursos retóricos y elementos lexicográficos que nombran a las entidades celestes que mencionamos anteriormente, recuperando así la visión y apropiación cultural específica de este ámbito cultural.

### **Construcciones recíprocas y relaciones simétricas en mocoví y toba (guaycurú)**

Este trabajo presenta un estudio comparativo del dominio semántico de la simetría y sus manifestaciones estructurales en toba y mocoví, dos lenguas guaycurúes habladas en la región argentina del Gran Chaco sudamericano. Juárez y Zurlo se centran en las construcciones morfosintácticas empleadas para expresar relaciones simétricas, específicamente en los usos de los sufijos *-aʔt* (toba) y

*-ta?* (mocoví). Además, analizan la interacción de estos sufijos con la indexación verbal de argumentos nucleares al verbo y las distintas clases verbales organizadas internamente en las lenguas de estudio. Los datos corresponden al mocoví hablado en el centro norte de la provincia del Chaco, específicamente de la zona de Colonia Aborigen, y forman parte de un corpus audiovisual (Juárez, 2019), que combina habla natural (conversaciones, narraciones autobiográficas, discurso procedimental, etc.) y datos elicidos. Los datos del toba provienen de un corpus que combina conversaciones, anécdotas y elicitation en variedades takshék, no’olganaxaq y rapigeml’ek habladas en la provincia de Chaco (Zurlo, 2016a, 2016b, 2014). Los datos analizados en este trabajo son una contribución empírica para argumentar que las relaciones simétricas en mocoví y toba van más allá de construcciones recíprocas prototípicas e incluyen un rango amplio de posibilidades semánticas que no suelen aparecer contempladas en estudios tipológicos sobre construcciones recíprocas. Las relaciones simétricas tal como se expresan en estas lenguas guaycurúes no se restringen a tipos específicos de predicados (transitivos o intransitivos) ni a argumentos nucleares de los verbos (S, A o P) y operan sobre una relación semántica subyacente entre el todo/conjunto y sus partes.

### **El problema de la transcripción de la lengua yagán en contextos misioneros**

El yagán es una lengua indígena del extremo sur de la Patagonia argentina y chilena. En tiempos de vitalidad lingüística, se hablaba en el territorio comprendido entre el margen sur de la Isla Grande de Tierra del Fuego y el Cabo de Hornos. La lengua cuenta con una vasta documentación recolectada desde mediados del siglo XIX por misioneros anglicanos y católicos. En este capítulo, Regúnaga focaliza dos sistemas específicamente desarrollados en contextos misioneros para la transcripción de sonidos lingüísticos:

(i) el ‘Sistema Fonotípico Ellis’, que fuera utilizado (y modificado) entre mediados y fines del siglo XIX por el misionero de la *South American Missionary Society* (SAMS) Thomas Bridges, y (ii) el ‘Sistema Fonético Anthropos’, difundido por los misioneros de la *Societas Verbi Divini* (SVD) y aplicado por Martin Gusinde SVD y Ferdinand Hestermann en su edición del Yamana-English Dictionary (Bridges, 1933). A través de un análisis contrastivo entre ambos, es posible correlacionar el paso del sistema Ellis al sistema Anthropos con los avances en los fundamentos de la ciencia lingüística para la apropiada codificación de los sonidos particulares de las lenguas.

### **Terminologia e análise linguística: os sintagmas posposicionais em línguas da família tupí-guaraní**

A intenção deste capítulo é demonstrar o impacto das terminologias na discussão da linguística teórica e, em particular, nos estudos de línguas indígenas brasileiras, com foco na análise dos sintagmas posposicionais de três línguas da família tupí-guaraní (Kamaiurá, Apyãwa e Guajá). A variedade de termos, muitas vezes usada para fazer referência a estruturas gramaticais semelhantes, pode revelar tanto as dificuldades em definir critérios para a identificação de fenômenos específicos quanto os desafios de propor padrões úteis para pesquisas tipológicas. Neste sentido, partindo de uma breve fundamentação teórica sobre Terminologia, Scodelari e Gomes mostram os principais termos que os(as) autores(as) pesquisados empregam na descrição gramatical sobre argumentos e adjuntos e realizam comparações entre as terminologias adotadas e as análises gramaticais dos constituintes posposicionados nas línguas indígenas mencionadas. Considerando que alguns dos termos usados no debate entre argumentos e adjuntos podem gerar dúvidas entre linguistas teóricos e até entre especialistas da linguística indígena, espera-se contribuir para o debate sobre o uso das terminologias nas análises linguísticas e seu impacto em âmbito teórico, metodológico e tipológico.

## **Entre composición y lexicalización: lexemas nominales complejos en urarina (*kacha ere*) desde una perspectiva construccional y cognitiva**

El presente artículo ofrece un análisis de la forma y principios semánticos que subyacen las construcciones lexemáticas complejas en urarina, una lengua aislada de la Amazonía peruana. El trabajo ofrece una descripción detallada de los esquemas construccionales de lexemas complejos del urarina, así como las relaciones semánticas que se establecen entre sus elementos teniendo en cuenta lo propuesto por la Lingüística Cognitiva. Para el urarina, Silva y Peña proponen que los patrones asociados con lexemas complejos, definidos de manera general como la combinación de más de una raíz o de más de un tema, para conformar una unidad con identidad léxica, constituyen un continuo entre composición y lexicalización de estructuras nominalizadas y cláusulas, y conforman un área intermedia entre las categorías más tradicionalmente aceptadas de palabra y frase.

## **Descripción fonético-fonológica del quechua de Chachapoyas con especial atención en el acento y la monoptongación**

El presente estudio de Valqui y Chalco tiene por objetivo describir las principales características fonéticas y fonológicas del quechua de Chachapoyas, en especial, el acento y el proceso de monoptongación. Metodológicamente, se siguen los postulados de Himmelmann (2012) sobre la relación entre documentación y descripción lingüísticas: primero, se registraron los datos del comportamiento lingüístico observable en 5 distritos de las provincias de Chachapoyas y Luya en el departamento de Amazonas (Perú); segundo, se obtuvieron los datos primarios a través de la transcripción fonética y traducción libre, y, tercero, se interpretaron los datos estructurados por medio del análisis acústico. Los resultados que se ofrecen en este estudio confirman rasgos concordantes con la

clasificación de esta variedad dentro del tronco quechua II (Torero, 2007, 2002; Cerrón-Palomino, 2003); sin embargo, evidencian, por primera vez, características divergentes con esta subrama quechua como la monoptongación que origina vocales medias [e] y [o], y la presencia de un patrón acentual que asigna el acento principal en la primera sílaba de la palabra: ambas características descritas previamente como rasgos de variedades quechuas del tronco I y ahora atestiguadas para una variedad del quechua II.

## CAPÍTULO 7

### DESCRIPCIÓN FONÉTICO-FONOLÓGICA DEL QUECHUA DE CHACHAPOYAS CON ESPECIAL ATENCIÓN EN EL ACENTO Y LA MONOPTONGACIÓN

Jairo Valqui

Universidad Nacional Mayor de San Marcos

Walter Chalco

Universidad Nacional Mayor de San Marcos

#### 1 Introducción

El quechua de Chachapoyas o quechua amazonense es una variedad quechua<sup>1</sup> que se extiende, principalmente, por algunos distritos de las provincias de Chachapoyas y Luya en el sur del departamento de Amazonas (Perú). Llegada a este territorio durante la expansión de Imperio inca con Túpac Inca Yupanqui a fines del siglo xv (Biblioteca Nacional del Perú, 1572-1577), esta variedad quechua entró en contacto con la lengua originaria de los distintos pueblos chachapoya posiblemente hasta la mitad del siglo xvii<sup>2</sup>. Las

1 Algunos hablantes quechuas del distrito de La Jalca en la provincia de Chachapoyas denominan a su lengua como *llakwash* (Taylor, 2006; Culqui, 2004). Este término también se utiliza para denominar al quechua de Lamas o quechua de San Martín.

2 El estudio del antropólogo José H. Rodríguez Villa sobre un documento de inicios del siglo XVII, evidencia la vigencia de una lengua preinca en el pueblo de Coloc, anexo del pueblo de Yapa, ubicado actualmente en el distrito de Yambrasbamba en la provincia de Bongará. Este singular documento testimonia el uso de la “lengua suya” además de la “lengua general del inga” en el acostumbrado pregón.

huellas de ese contacto son evidentes en la toponimia local como sucede con el lugar llamado Cochamal que proviene del quechua *kucha* ‘laguna’ y del chacha *mal* ‘cerro o lugar con algún recurso’, en este caso, *kuchamal* ‘el cerro con laguna’.

Más adelante, esta variedad quechua se impone en toda la región incluso hasta competir con el castellano. Un primer testimonio del siglo XVIII informa sobre el esfuerzo de un párroco local por introducir la lengua española entre los pobladores de la zona de Luya (Solís, 2003). Un segundo testimonio de 1893 reporta que aún la mayoría de los naturales de esta región seguía hablando la lengua general de los Andes (Bandelier, 1907); sin embargo, ya a mediados del siglo XX, una visita arqueológica en la zona muestra un panorama desfavorable para la variedad quechua, pues solo algunos pobladores de Colcamar y La Jalca eran hablantes bilingües quechua-castellano (Reichlen; Reichlen, 1950). A finales del siglo XX, una de las primeras descripciones sobre esta variedad quechua reporta su situación precaria al no poder encontrar un número mayoritario de hablantes quechuas en los pueblos cercanos a la capital (Taylor, 1979), pero con la posibilidad de hallar todavía hablantes monolingües en zonas más alejadas como en los pueblos de Granada y Olleros.

En término lingüísticos, los estudios pioneros han clasificado a esta variedad quechua dentro del quechua II (Torero, 2007, 2002; Cerrón-Palomino, 2003) y la han agrupado, junto a las variedades de Lamas (San Martín), Ecuador y Colombia, dentro del quechua IIB. Entre las principales características fonológicas compartidas entre estas variedades, Torero (2007) y Parker (2013) destacan la fusión de los protofonemas \*/k/ y \*/q/ en favor del segmento velar /k/ y la sonorización frecuente de los segmentos oclusivos y africados después de la nasal /n/. Particularmente, de acuerdo con Torero (2007), la variedad quechua de Chachapoyas mantuvo la oposición de los segmentos africados /tʃ/ y /tʂ/, eliminó la aspirada del protoquechua

\*/h/ al inicio de palabra<sup>3</sup> y desarrolló el segmento africado /dʒ/ como reflejo sincrónico del protofonema palatal \*/χ/.

Morfológicamente, esta variedad exhibe un sistema de morfemas que comparte, consistentemente con su clasificación, con otras variedades del quechua II; sin embargo, algunas formas han cambiado su estructura como ocurre con el plural nominal /-kəna/ < \*/-kuna/, pronunciado, frecuentemente con la vocal elidida ['pirkakna] < /pirka-kəna/ [muro-PLN] ‘muros’. De manera similar, el plural verbal /-sapa/, que comparte con la variedad quechua de Lamas (San Martín), se manifiesta, generalmente, como [-saβa] en La Jalca y en los demás pueblos quechuas de esta región como [-sa], por ejemplo, en ['katʃpatʃirkansa] < /katʃpatʃi-rka-n-sapa/ [quemar-CAU-PRE-3PS-PLV] ‘ellos hicieron quemar’.

El Cuadro 1 presenta los pronombres personales, sufijos posesivos y de sujeto basados en los registros de Lamud como variedad más conservadora del quechua de Chachapoyas. Los otros registros tomados de La Jalca, Granada y Olleros exhiben formas innovadoras, por ejemplo, el pronombre de tercera persona singular se realiza como [pe:] < /pay/ ‘él o ella’ y la tercera persona plural como ['pe:yəna] < /pajkəna/ ‘ellos o ellas’. Así, también, la consonante /j/ de los posesivos de primera y segunda persona posesora ya no se registran, regularmente, en su producción fónica: los hablantes de La Jalca, Granada y Olleros pronuncian, por ejemplo, ['ume:] < /uma-j/ [cabeza-1PP] ‘mi cabeza’ y ['umeki] < /uma-jki/ [cabeza-2PP] ‘tu cabeza’.

<sup>3</sup> La protoforma \*/h/ del protoquechua se atestigua, principalmente, en inicio de palabra en las variedades de Áncash, Junín, Ayacucho y Cusco que registran, por ejemplo, [hatun] para ‘grande’ mientras que en Chachapoyas se registra [atun].

**Cuadro 1. Pronombres personales, morfemas posesivos y verbales de sujeto.**

Pronombres personales		Sufijos posesivos		Sufijos verbales	
ñuka	‘yo’	-y	1PP	-ni	1PS
kam	‘tú’	-yki	2PP	-nki	2PS
pay	‘él/ella’	-n	3PP	-n	3PS
ñukanchi	‘nosotros/-as (inclusivo)’	-nchi	4PP	-nchi	4PS/1PSP
ñukaykuna	‘nosotros/-as (exclusivo)				
kamgəna	‘ustedes’				
paykəna	‘ellos/ellas’				

Fuente: elaborado por los autores.

Estas particulares características y otras más que presentamos en los resultados de este estudio llamaron la atención de notables investigadores como Gary Parker, quien indicaba que los cambios ocurridos por la acentuación en la primera sílaba de las palabras y la subsecuente caída de vocales en esta variedad le han conferido un sonido sorprendentemente no-quechua (Parker, 2013, p. 149). De manera similar, Gerald Taylor pensaba que un posible sustrato no quechua podría explicar las divergencias fonéticas con la variedad quechua más cercana como es la de Lamas. Taylor decía que “la evolución fonética del dialecto de Amazonas, donde tal vez el sustrato de la antigua lengua de los chachapuyas haya desempeñado un papel importante, creó entre el habla de Lamas y la de los alrededores de Chachapoyas algunas divergencias notables” (Taylor, 2000, pp. 37-38).

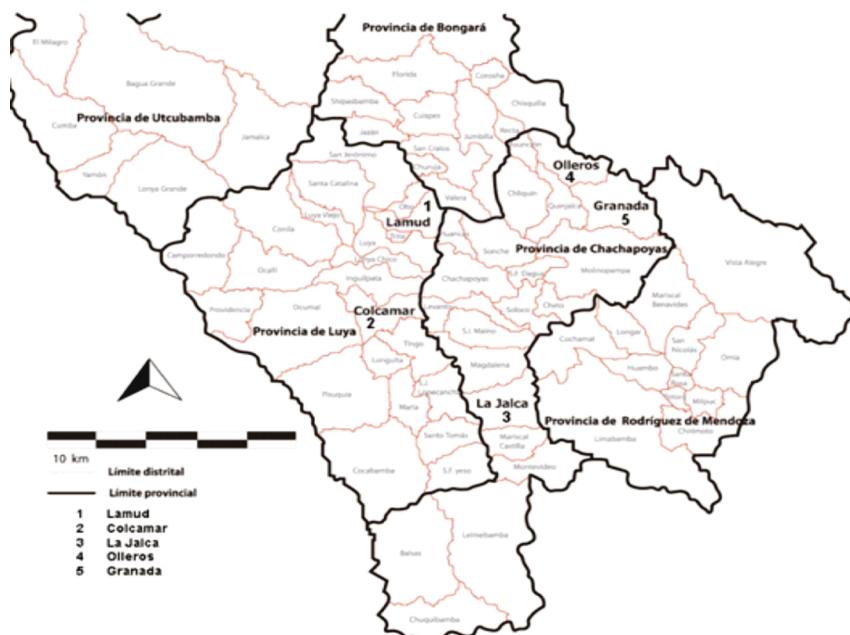
En el presente capítulo, presentamos, en primer lugar, la metodología del recojo de datos basados, principalmente, en la documentación y descripción de lenguas. En segundo lugar, en los resultados, bridamos las características de las unidades segmentales y suprasegmentales, enfocados, por un lado, en el proceso de

monoptongación que se presenta gradual en los distintos pueblos estudiados y, por otro lado, en la regularidad del patrón acentual que asigna el acento al extremo izquierdo de la palabra. Finalmente, en las conclusiones, presentamos nuestros principales hallazgos que sometemos a discusión y a posteriores indagaciones.

## 2 Metodología

Metodológicamente, nuestro formato básico de documentación y de descripción se desarrolló en 3 etapas que distinguen los denominados “datos en bruto”, los “datos primarios” y los “datos estructurados” (Himmelmann, 2012). El registro de “datos en bruto” corresponde a las grabaciones en audio y video del comportamiento lingüístico observable que se realizó mediante el uso de 1 cámara de video Canon HD VIXIA HF R600, 1 grabadora de audio TASCAM DR-40, 1 micrófono unidireccional HTDZ HT-81 y 1 micrófono WH20 Shure. Los datos provienen de 2 colaboradores varones y 4 colaboradores mujeres de los pueblos de Lamud (1) y Colcamar (2) en la provincia de Luya, y de los pueblos de La Jalca (3), Granada (4) y Olleros (5), en la provincia de Chachapoyas. En todos los casos, se contó con un registro de elicitación de palabras quechua de 150 entradas y relatos relacionados con los pueblos de origen de los colaboradores.

**Figura 1. Pueblos del sur de Amazonas donde se registraron los datos del quechua de Chachapoyas.**



Fuente: elaborado por los autores.

Como se puede apreciar en el Cuadro 2, los datos primarios se obtuvieron, principalmente, por métodos de transcripción grafémica, fonética y traducción libre, que implicaron el uso de un alfabeto estandarizado para esta variedad quechua y el uso del Alfabeto Fonético Internacional. Los videos se editaron con los programas Movie Maker y MGI Video Wave III. Las anotaciones se realizaron a través del programa ELAN con la finalidad de etiquetar, transcribir y traducir la información lingüística de los eventos registrados. Para el etiquetado, se crearon tres líneas: una de transcripción grafémica (tx@), una de transcripción fonética (ph@) y una de traducción libre (ft@). En la transcripción grafémica<sup>4</sup>, se utilizó una propuesta que consta de 18 letras de acuerdo con Taylor (2005, 1979). El análisis

4 Relación grafema/fonema: a /a/, ch /ʃ/, tr /tʃ/, i /i/, k /k/, l /l/, ll /k-dʒ/, m /m/, n /n/, ñ /ɲ/, p /p/, r /ɾ/, s /s/, sh /ʃ/, t /t/, u /u/, w /w/, y /j/.

acústico se realizó con la ayuda del programa Praat (Versión 5.3.66). Finalmente, los datos estructurados se obtuvieron a partir del análisis e interpretación de los datos primarios.

**Cuadro 2. Datos en bruto, datos primarios y datos estructurales.**

Etapas de la documentación		Datos basados en el comportamiento lingüístico observable	Documentación lingüística
1. <sup>a</sup>	<b>Datos en bruto</b>	Grabaciones en audio y video de colaboradores varones y mujeres de los distritos de Lamud, Colcamar, La Jalca, Olleros y Granada	
<i>Derivación mediante procesos de transcripción y traducción</i>			
2. <sup>a</sup>	<b>Datos primarios</b>	Transcripción grafémica y fonética con traducción libre	
<i>Derivación mediante distribución, frecuencia de datos y análisis acústico</i>			
3. <sup>a</sup>	<b>Datos estructurales</b>	Descripción fonética y fonológica del quechua de Chachapoyas	Descripción lingüística

Fuente: basado en Himmelmann, 2012.

Esta propuesta de documentación, siguiendo a Himmelmann (2012), relaciona la documentación lingüística, por un lado, con la descripción lingüística, por otro lado. De este modo, esta propuesta tiene por objetivo establecer puentes entre estas 2 líneas de trabajo en el campo de la lingüística en general. Esta relación se establece por medio del doble papel que desempeñan los datos primarios: por una parte, los datos primarios son obtenidos por un proceso de transcripción y traducción de los datos lingüísticos observables, y, por otro lado, estos datos son la base para los análisis e interpretaciones propiamente de la descripción lingüística.

### 3 Resultados

#### 3.1 Unidades segmentales

El sistema consonántico está compuesto por 16 segmentos: 3 segmentos oclusivos /p, t, k/; 2 segmentos fricativos /s,ʃ/; 3 segmentos africados /ʃ, tʂ, dʒ/; 3 segmentos nasales /m, n, ŋ/; 2 segmentos laterales /l, ʎ/ y 3 segmentos aproximantes /ɹ, j, w/.

**Cuadro 3. Segmentos consonánticos en el quechua de Chachapoyas.**

	Labial	Dental	Alveolar	Palatal	Retroflejo	Velar
Oclusivo	p	t				k
Fricativo			s	ʃ		
Africado				ʃʃ dʒ	tʂ	
Nasal	m		n	ŋ		
Lateral <sup>5</sup>			l	ʎ		
Aproximante	w		ɹ	j		

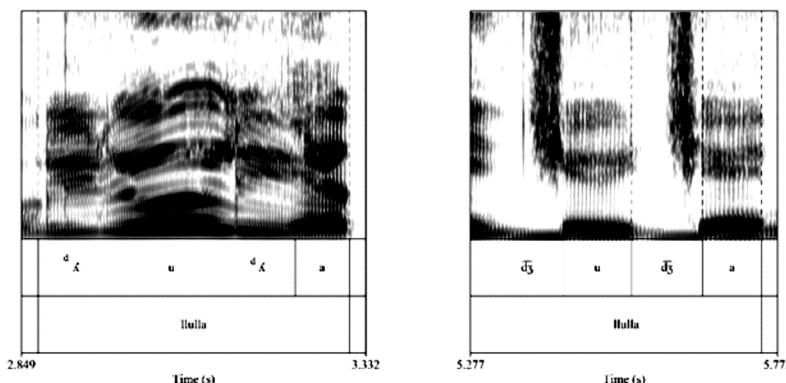
Fuente: elaborado por los autores.

Sin embargo, como se puede apreciar en el Cuadro 3, los 2 segmentos resaltados, a saber, el africado palatal /dʒ/ y el lateral palatal /ʎ/, son, en realidad, reflejos sincrónicos de la protoforma \*/ʎ/ de origen Protoquechua.

<sup>5</sup> Otros estudios reportan un segmento lateral alveolar /l/ como parte del sistema de consonantes del quechua de Chachapoyas en entradas como [lampa] ‘azada’, [law] ‘lado’, [lanta] ‘cabello de bebé’, [lapa] ‘tipo de calabaza’, [lokro] ‘tipo de sopa’ (Taylor, 2006; Weber, 2008). También este segmento aparece en léxico de filiación chachapoya como en los topónimos Olcate y Solmal (Valqui y Ziemendorff, 2016) o en los vocablos *solpe* ‘especie de red para carga’ o *lope* ‘especie de árbol’.

Estos reflejos sincrónicos de la protoforma \*/*ʎ*/ se manifiestan en 2 espacios geográficos distintos como así también lo documentó Gerald Taylor en estudios previos (Taylor, 2000). Mientras que en los distritos de Olleros (4) y Granada (5), ubicados en el extremo oriental del área de estudio, la representación fonológica sincrónica /*ʎ*/ se manifiesta en variación libre y casi con la misma frecuencia de ocurrencia entre una lateral palatal [ʎ] y una preclusiva [dʎ]<sup>6</sup>, en los demás distritos como Lamud (1), Colcamar (2) y La Jalca (3), el reflejo sincrónico /dʒ/ se manifiesta, según el contexto, como un alófono [dʒ], que siempre ocurre en posición inicial de palabra, un alófono [χ], que aparece en posiciones prosódicamente débiles, y un alófono ensordecido [χ̩], que ocurre en posición de coda seguido por una consonante sorda. La Figura 2 evidencia las formas acústicas de ambas producciones en los distritos estudiados.

**Figura 2. Espectrogramas de la palabra *llulla* ‘mentira’ con la lateral palatal registrada en Olleros (al lado izquierdo) y con la africada palatal registrada en Colcamar (al lado derecho).**



Fuente: elaborado por los autores.

<sup>6</sup> De acuerdo con Valqui, Faucet, Jiménez y Elías-Ulloa (2020), la documentación de la lateral palatal preclusiva [dʎ] en las hablas de Olleros y Granada puede permitir explorar una explicación diacrónica que dé cuenta de la aparición de la africada palatal /dʒ/ que se observa actualmente en los otros pueblos del quechua de Chachapoyas.

Por otra parte, con respecto al sistema vocálico (Cuadro 4), este está compuesto por 3 segmentos: una vocal alta anterior /i/, una vocal alta posterior /u/ y una vocal baja posterior /a/<sup>7</sup>. Sin embargo, un aspecto particular en esta variedad es la aparición de la vocal media anterior [e] y de la vocal media posterior [o] producto del desarrollo de un proceso de monoptongación<sup>8</sup> en el cual intervienen las consonantes aproximantes palatal /j/ y labial /w/ de acuerdo con los contextos que seguidamente pasamos a describir.

**Cuadro 4. Sistema de vocales del quechua de Chachapoyas.**

	anterior	central	posterior
alto	/i/		/u/
bajo		/a/	

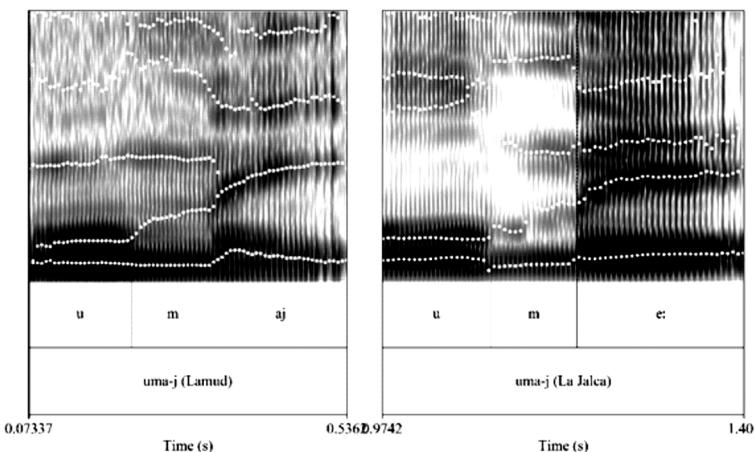
Fuente: elaborado por los autores.

La vocal media [e] se registra cuando se encuentra la consonante aproximante palatal /j/ de los morfemas de primera y segunda persona posesora (-y, -yki, respectivamente) más la vocal /a/ final de las raíces nominales. En todos los pueblos estudiados, el contexto /a-jki/ da origen a la vocal media [e], pero como se puede ver en el Cuadro 5, el contexto con la primera persona posesora, a saber /a+j/, produce en Lamud [aj], en Colcamar [ej] y en La Jalca, Granada y Olleros [e:] como vocal media anterior alargada. En la Figura 3, se puede contrastar la configuración de los 2 primeros formantes en el contexto /a-j/ para la palabra *umay* ‘mi cabeza’: mientras que, en la producción de Lamud, el F2 asciende de manera pronunciada, en la producción de La Jalca, el F2 se mantiene de manera paralela al F1.

7 Valqui y otros (2019) reportan los valores formánticos de las vocales así como sus respectivos espectrogramas.

8 La monoptongación es un proceso fonológico reportado en varias lenguas del mundo como el frisón. Teóricamente, de acuerdo con Schane (1995) se puede entender como un proceso que fusiona partículas de apertura y tonalidad.

**Figura 3. Espectrograma de la palabra *umay* ‘mi cabeza’ registrada en Lamud con la aparición de la aproximante palatal y con la vocal media alargada en La Jalca.**



Fuente: elaborado por los autores.

Por su parte, la vocal media posterior [o] aparece consistentemente en todas las variedades del quechua de Chachapoyas como desarrollo del sufijo asociativo /-wan/ > [-on], aunque en Lamud ambas formas -wan y -on pueden coexistir.

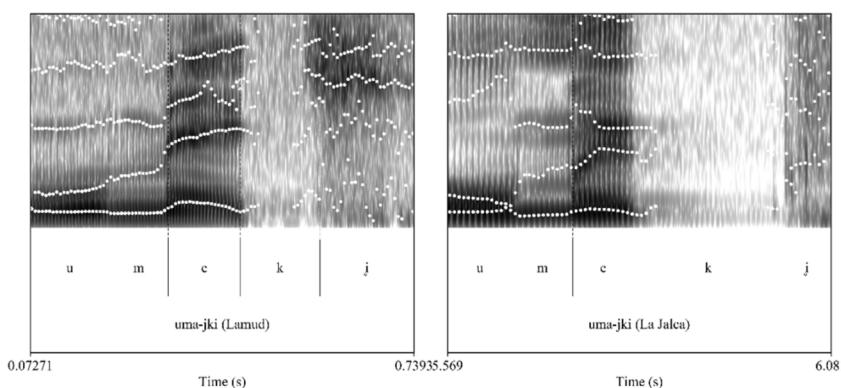
**Cuadro 5. Ocurrencias de las vocales medias [e] y [o] en el quechua de Chachapoyas.**

Luya		Chachapoyas			glosa
Lamud	Colcamar	La Jalca	Granada-Olleros		
e	e	e	e		a+-yki (2PP)
aj	ej	e:	e:		a+-y (1PP)
-wan ~ -o:n	-o:n	-o:n	-o:n		-wan (ASO)

Fuente: elaborado por los autores.

La Figura 4 muestra el registro acústico de la vocal media [e] en el contexto de ['umek<sub>ø</sub>] < /uma-jki/ [cabeza-2PP] ‘tu cabeza’ atestiguado en los 5 distritos estudiados. Este contexto ocurre en la segunda sílaba inacentuada y las vocales monoptongadas se realizan con una duración aproximada de 95 ms por lo que dentro de nuestra representación son vocales breves en este contexto.

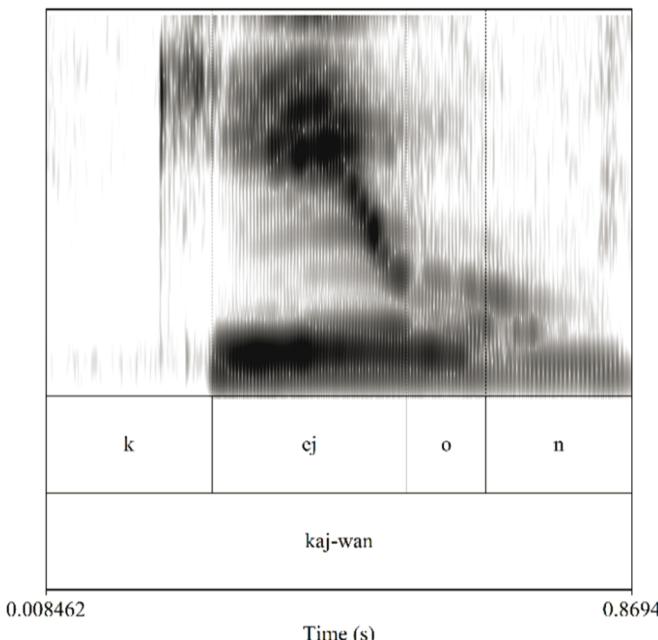
**Figura 4. Espectrograma de la palabra ['umek<sub>ø</sub>] < /uma-jki/ ‘tu cabeza’ registrada en Lamud y en La Jalca.**



Fuente: elaborado por los autores.

La Figura 5 muestra el registro acústico de la vocal media posterior [o] del morfema asociativo /-wan/ en la palabra [kejon] < /kaj-wan/ ‘con esto’ en el distrito de Colcamar.

**Figura 5. Espectrograma de la palabra [ 'kejon] < /kaj-wan/ ‘con esto’.**



Fuente: elaborado por los autores.

Este proceso de monoptongación atestiguado a nivel morfológico parece estar relacionado con la monoptongación a nivel léxico que nos lleva a reconocer a las variedades de los distritos de Granada y Olleros como las que presentan un desarrollo más avanzado de este proceso que en los distritos de La Jalca, Colcamar y Lamud. La monoptongación en su estado más avanzado puede ocurrir hasta en 3 segmentos como se puede apreciar en el Cuadro 6 para las palabras /jawaɾ/ > [jo:r] ‘sangre’ o en /wijari-/ > [we:re] ‘oír’.

**Cuadro 6. Ocurrencias de las vocales medias [e] y [o] a nivel léxico en el quechua de Chachapoyas.**

Luya		Chachapoyas		glosa
Lamud	Colcamar	La Jalca	Granada-Olleros	
kaj	kej ~ ke:	ke:	ke:	este/esta
ijkaj	ijkej	ijke:	ijke:	dos
paj	pej	pe:	pe:	él/ella
pajkəna	pe:yəna	pe:yəna	pe:yəna ~ pe:yun	ellos/ellas
wijari-	wijari-	wijari-	we:re-	oír
tʃawpi	tʃo:bi	tʃawpi	tʃo:pi	centro
jawar	jawar	jawar	jo:r	sangre
o:ki ~ wawki	wawki	o:ki	o:ki ~ wawki	hermano
ŋawi	ŋawi	ŋawi	ŋo:	ojos
kawa-	kawa-	kawa-	ko:-	ver

Fuente: elaborado por los autores.

El registro de este fenómeno no ha sido documentado hasta el momento en otra variedad quechua de la subrama II; sin embargo, este mismo proceso con sus particularidades se atestigua en variedades del quechua I<sup>9</sup>. En el quechua de Corongo, por ejemplo, de acuerdo con los datos reportados por Hintz (2000), el fenómeno de monoptongación genera vocales medias como e: < ay y o: < aw. En el primer caso, el proceso es altamente productivo con la segunda persona posesora -yki y otros 5 sufijos más que inician con el seg-

<sup>9</sup> De acuerdo con lo reportado por Hintz (2000), se documenta el proceso de monoptongación al sureste de Huaraz en la provincia de Aija; en Llamellín, en el extremo oriental de Ancash cerca del río Marañón; en las provincias de Sihuas, por el norte; Bolognesi, por el sur y Huari, por el este. Históricamente, de acuerdo con Parker (1976), la monoptongación inició en el callejón de Huilas y actualmente se expande a lo largo del departamento de Áncash por el prestigio del habla de Huaraz.

mento inicial /j/. De esta manera, el encuentro entre la vocal final de raíz de /ara/ ‘maíz’ más el sufijo /-jki/ produce la forma [are:ki] ‘tu maíz’ con la vocal media alargada [e:]. Así, también, a nivel del léxico, el citado autor encuentra formas monoptongadas con las vocales media [e:] y [o:] como se puede apreciar en el Cuadro 7. De acuerdo con Quesada-Castillo (1988), en quechua, la monoptongación es un proceso histórico que tiene su origen en el contexto morfológico de la segunda persona posesora *-yki* y que luego se extiende a nivel léxico. Al respecto, los datos sincrónicos reportados para el quechua de Chachapoyas parecen respaldar la hipótesis del citado autor pues un estadio inicial de este proceso se reporta, principalmente, en la morfología, según los datos de Lamud, mientras que un estadio más avanzado se reporta tanto en la morfología como en el léxico como ocurre en Granada y Olleros.

**Cuadro 7. Léxico con vocales monoptongadas en el quechua de Corongo (Adaptado de Hintz, 2000, p. 48).**

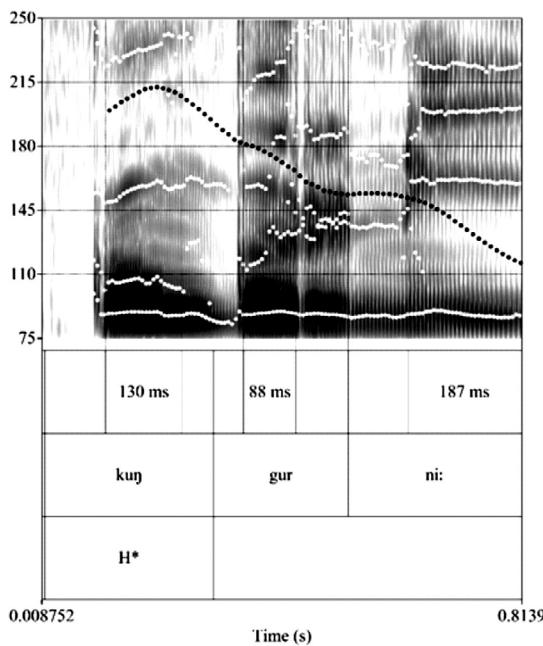
Reconstrucción	Quechua de Corongo	glosa
*kay	[ke:]	‘este’
*pay	[pe:]	‘él’
*wayra	[we:ra]	‘viento’
*tʃawpi	[tʃo:pi]	‘centro’
*ɲawpa	[no:pa]	‘delante’
*wawqi	[o:xi]	‘hermano’

Fuente: elaborado por los autores.

### 3.2 Unidades suprasegmentales: el acento

A diferencia de otras variedades del quechua II que presentan acento en la penúltima sílaba, el quechua de Chachapoyas asigna su acento principal en el extremo izquierdo de la palabra prosódica. Así, por ejemplo, como se puede apreciar en la Figura 6, el tono alto (H\*), como correlato acústico del acento, se asocia con la primera sílaba de la palabra en [kun̥gurni:] </kunkur-ni-j/ [rodilla-ni-1PP] ‘mi rodilla’.

Figura 6. Contorno tonal de la palabra [kungurni:] </kunkur-ni-j/ ‘mi rodilla’.

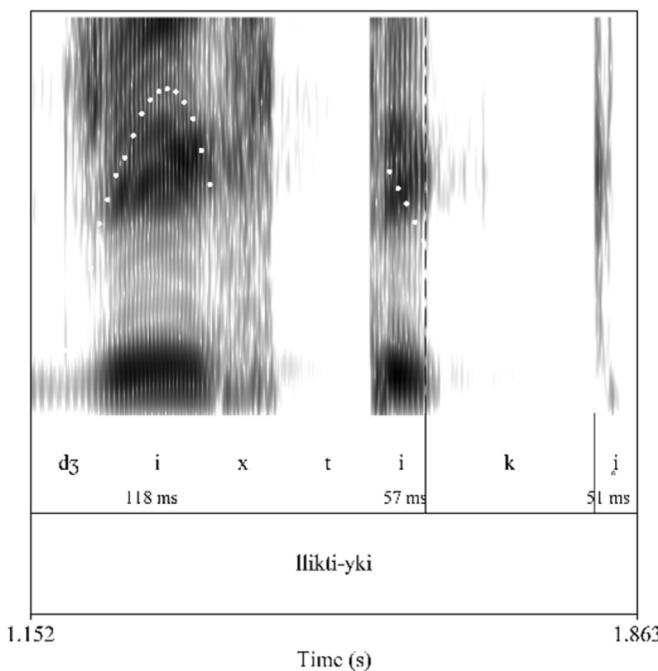


Fuente: elaborado por los autores.

Otro correlato acústico como es la duración vocálica confirma el estatus del acento en la primera sílaba de la palabra en esta variedad quechua. Las vocales que aparecen en la primera sílaba mantienen un promedio de duración de 100 ms mientras aquellas que aparecen en

la segunda o tercera disminuyen considerablemente este promedio. Por ejemplo, en la Figura 7, la primera vocal de la palabra ['dʒixtiki<sub>e</sub>] < /dʒikti-jki/ [llegaña-2PP] ‘tu legaña’ dura 118 ms mientras que la segunda y tercera, 50 ms, aproximadamente. Este acortamiento vocalico trae como consecuencia que la vocal alta al final de palabra tienda a ensordecerse o elidirse totalmente, generalmente, cuando se encuentran después de una consonante oclusiva.

**Figura 7. Duración de las vocales altas /i/ en la palabra ['dʒixtiki<sub>e</sub>] < /dʒikti-jki/ ‘tu legaña’.**

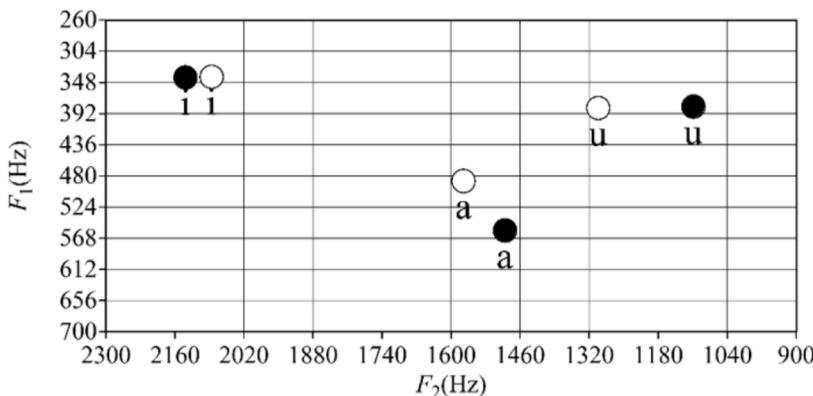


Fuente: elaborado por los autores.

De igual manera, el análisis cuantitativo del valor de los formantes F1 y F2 de las vocales en la primera sílaba en palabras bisílabicas muestra una dispersión compacta que se direcciona hacia los extremos en una carta de formantes mientras que los valores de

las vocales en la segunda sílaba tienden a mostrar una dispersión bastante amplia que se direcciona hacia el centro de la carta de formantes, sufriendo el fenómeno denominado “centralización” que, como sucede en otras lenguas, se relaciona con sílabas inacentuadas (Elías-Ulloa, 2011). En la Figura 8, se muestran los promedios de las vocales que aparecen en la primera y en la segunda sílaba en el registro de varones. Como podemos observar, las vocales de color oscuro representan a las registradas en la primera sílaba y las vocales de color claro, las que ocurren en la segunda sílaba.

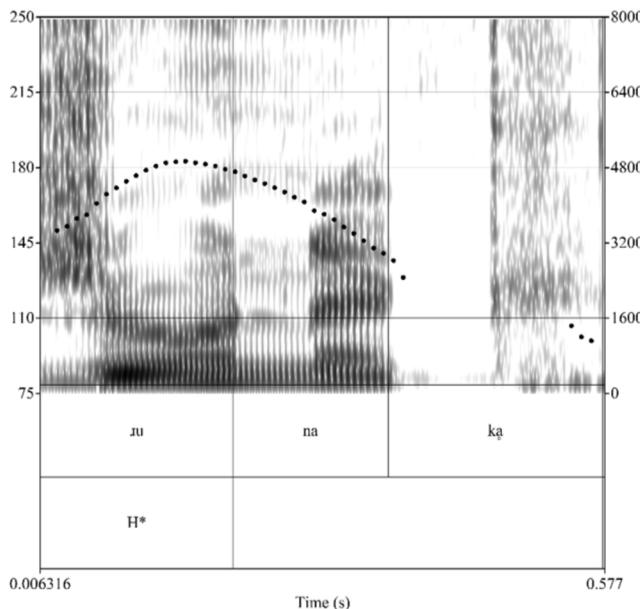
**Figura 8. Carta de formantes de vocales acentuadas (color oscuro) vs vocales inacentuadas (color claro). Las últimas en dirección hacia el centro de la carta de formantes sufriendo centralización.**



Fuente: elaborado por los autores.

En síntesis, estos 3 correlatos acústicos evidencian un acento principal en la primera sílaba en la palabra. Esta constatación parece consistente si se añade una serie de sufijos a la palabra como ocurre con el sufijo tematizador -ka en la palabra *runa* ‘persona’. En este caso, se evidencia el tono alto en la primera sílaba de la palabra con un descenso en las demás sílabas posteriores a esta como se observa en la Figura 9.

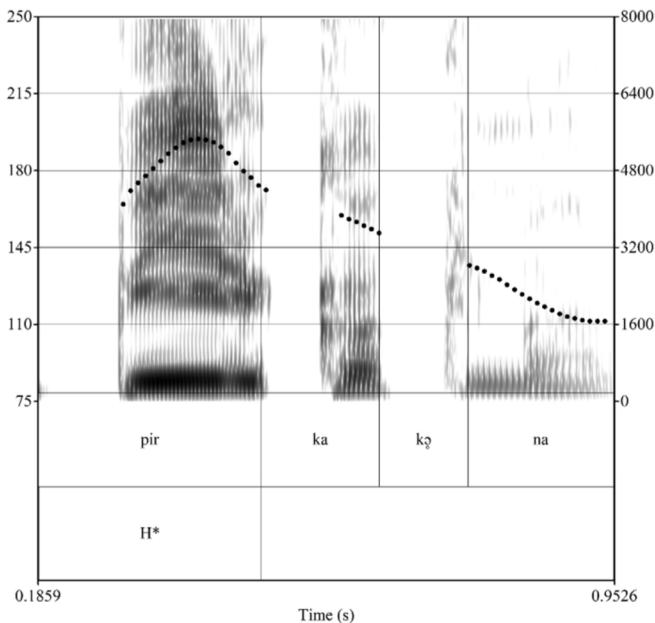
**Figura 9. Contorno tonal de la palabra [junakə] < /juna-ka/ ‘la persona’.**



Fuente: elaborado por los autores.

Una palabra de 4 sílabas como es el caso de ['pirkakəna] < /pirka-kəna/ [muro-PLN] ‘muros’ también muestra el tono alto asociado a la primera sílaba de la palabra con un descenso en las demás sílabas posteriores a esta como se observa en la Figura 10.

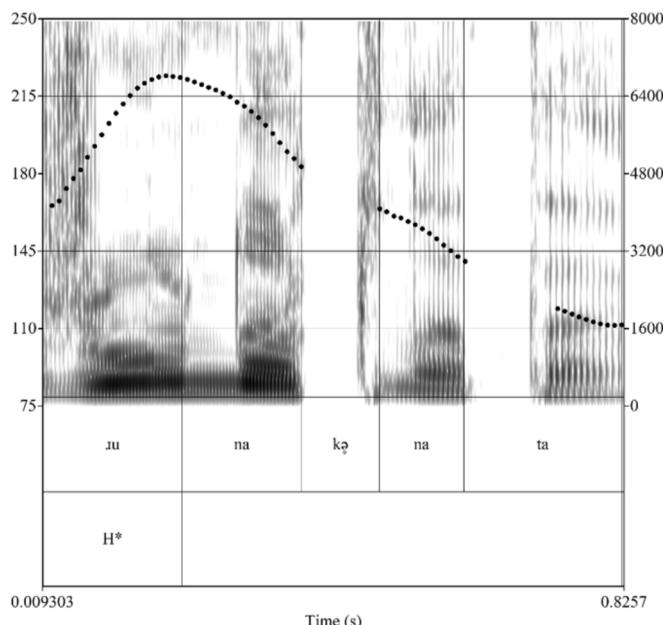
**Figura 10. Contorno tonal de la palabra ['pirkakəna] </pirka-kəna/ ‘paredes’.**



Fuente: elaborado por los autores.

Una palabra con 5 sílabas como ['runakənata] </runa-kuna-ta/ [persona-PLN-ACU] ‘a las personas’ también presenta el tono alto asociado a la primera sílaba de la palabra con el consiguiente descenso como se puede observar en la Figura 11.

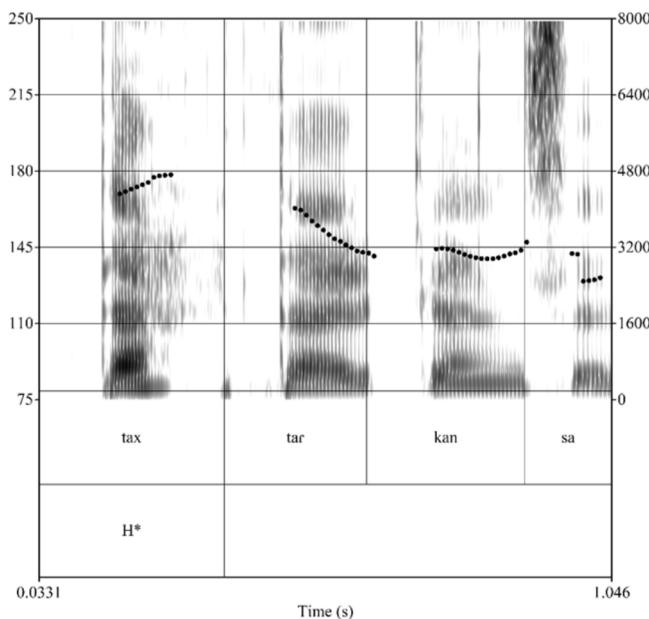
Figura 11. Contorno tonal de palabra ['runak<sup>q</sup>nata] </runa-kuna-ta/ ‘a las personas’.



Fuente: elaborado por los autores.

Sin embargo, los datos reportados evidencian un comportamiento acentual peculiar en los verbos. Los verbos constituidos por más de 4 sílabas parecen mostrar un acento secundario asociado con el contorno tonal. Si el verbo está constituido por 4 sílabas como en ['taktarkansa] </takta-rka-n-sa/ [pisotear-PRE-3PS-PLV] ‘ellos pisotearon’, observamos que el tono alto se mantiene en la primera sílaba de la palabra con el agregado que la penúltima sílaba muestra un comportamiento tonal distinto, pues, como se ve en la Figura 12, el contorno tonal se eleva en esta posición. Este comportamiento del contorno tonal en los verbos es distinto a lo presentado en los nombres.

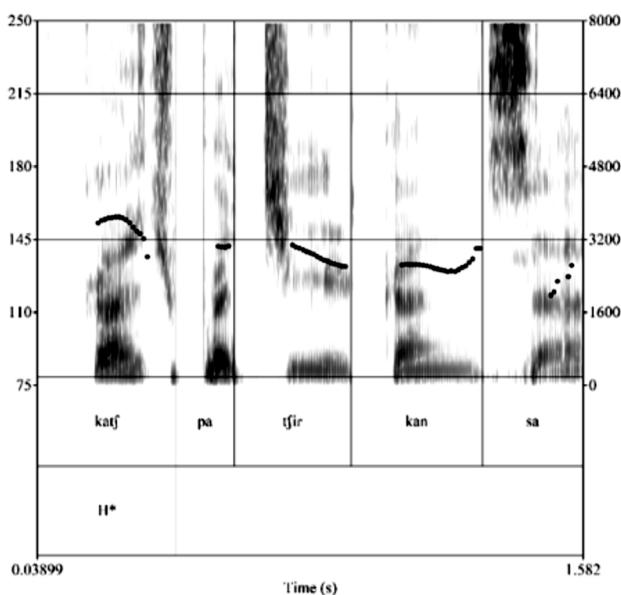
**Figura 12. Contorno tonal de palabra [ 'taktarkansa] < /takta-rka-n-sa/ 'ellos pisotearon'.**



Fuente: elaborado por los autores.

Una palabra de 5 sílabas como ['katʃpatʃirkansa] < /katʃpa-tʃi-rka-n-sa/ [quemar-CAU-PRE-3PS-PLV] 'ellos hicieron quemar', además del tono alto asociado con la primera sílaba, el comportamiento de este en la penúltima sílaba sugiere un posible acento secundario asociado con esta sílaba en los verbos.

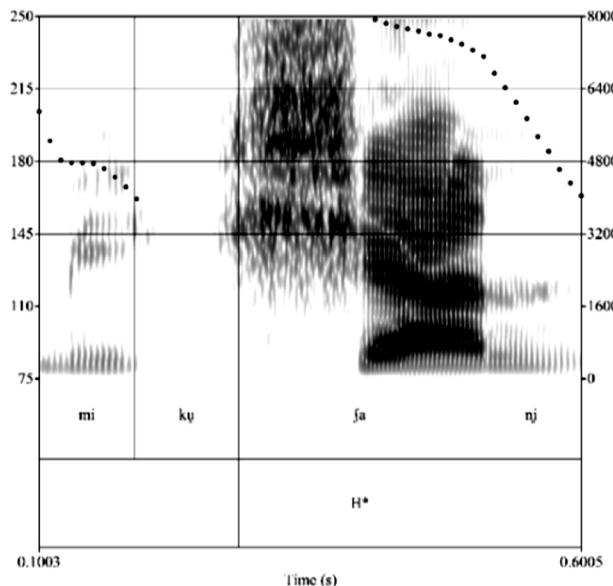
**Figura 13. Contorno tonal de palabra** ['katʃpatʃirkansa] < /katʃpa-tʃi-rka-n-sa/ ‘ellos hicieron quemar’.



Fuente: elaborado por los autores.

En enunciados con énfasis, el acento principal se mueve hacia la penúltima sílaba de la palabra tanto en nombres como en verbos como ocurre en la palabra [miku'san̪] < /miku-sa-ni/ [comer-PER-1PS] ‘he comido’ que evidencia el contorno tonal alto en la penúltima sílaba como se observa en la Figura 14.

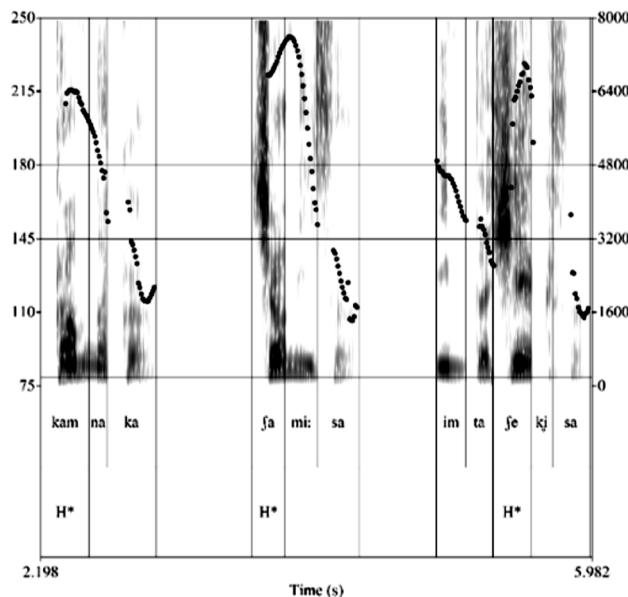
Figura 14. Contorno tonal de la palabra [miku'sanj] </miku-sa-ni/ ‘he comido’.



Fuente: elaborado por los autores.

Al final de cláusula también se reporta el movimiento del acento principal como sucede en el enunciado ['kam,naka 'sa,mi:sa ,imta'seksa] </kam-kəna-ka ſamu-y-sa invita-ſajki-sa/ > ‘ustedes vengan yo les invito’. En la Figura 15, se observa el comportamiento del contorno tonal al final del enunciado de una oración subordinada. En este caso, el tono alto se asocia con la antepenúltima sílaba en un contexto aún por estudiar con mayor detalle.

**Figura 15. Contorno tonal de / kam-kəna-ka samu-y-sa invita-sajki-sa / > [ 'kam, naka  
'ja, mi:sa ,imta'seksa] ‘ustedes vengan yo les invito’.**



Fuente: elaborado por los autores.

En el quechua II, el acento en la primera sílaba de las palabras también se ha reportado en la variedad quechua de Ferreñafe. En esta variedad, según Escribens (1977), las palabras pueden pronunciarse con acento en la primera o en la penúltima sílaba, pero cuando se encuentran en enunciados, mientras las palabras no-final de cláusula mantienen su acento, la última siempre se acentúa en la penúltima como ocurre en /mikunata tsat̪simun/ > ['mikunata tʃa't̪simuŋ]. También, la descripción acentual que reporta Santo Tomás (1995) a mediados del siglo XVI para la “lengua general” evidencia, además del acento penúltimo, un patrón acentual en la primera sílaba de la palabra, por ejemplo, *mácanacuni* ‘apuñéome’, y un patrón acentual que toma en cuenta la sílaba pesada como ocurre en *micúrcani* ‘comí’. Sin embargo, las variedades quechuas del tronco I son las que reportan, en mayor proporción, un patrón acentual en la

primera sílaba de la palabra como atestigua Diane Hintz (2006) para el quechua del sur de Conchucos en la palabra [túshùkunáqa] ‘danzantes’. De igual forma, como se evidencia para el quechua de Corongo, según Daniel John Hintz (2000), el acento básicamente recae en la primera sílaba de la palabra, pero si esta se encuentra al final de la oración el acento es penúltimo como se constata en [yúrax áka-ta tsári-mu-y písta-shun-pax almwersú-pax] ‘agarra un cuy blanco (allá) para matarlo para el almuerzo’. Para el quechua de Cajatambo, Carreño (2010) también reporta acento en la primera sílaba como se observa en [1' r̥ergasínakuʃuŋ] 1ruraʃgaŋsitaʃ] “Hay que enseñarnos nuestros trabajos”. Datos similares, se reportan para el quechua de Huaraz de acuerdo con Torero (1964) y Parker (1976); para el quechua de Caraz, según Parker (1967), y para el quechua de Huancapón como lo presenta Pineda (1994).

Recientes publicaciones nos inclinan a pensar que el acento en la primera sílaba de la palabra en el quechua de Chachapoyas está más relacionado con su pertenencia a la familia lingüística quechua que con algún sustrato de una lengua preinca en la zona o por algún contacto lingüístico. Por un lado, del análisis de 20 variedades quechuas, Valqui (2020) propone un desarrollo histórico del acento a partir del extremo izquierdo de la palabra hacia el acento penúltimo y los diversos acentos complejos que presentan algunas variedades modernas de esta familia lingüística. En este sentido, el quechua de Chachapoyas así como otras variedades con acento en la primera sílaba mantendrían la herencia acentual del protoquechua. Por otro lado, Itier (2013) propone que la lengua vehicular del Imperio inca no presentaba el conocido acento en la penúltima sílaba, sino que este se pudo derivar de un acento complejo como el que describió Santo Tomás (1995) para lo que él denomina el “cuzqueño antiguo” (Itier, 2013, p. 253). En esta línea, se puede pensar que el quechua de Chachapoyas mantuvo las características prosódicas de la lengua vehicular del Imperio inca y no es una característica por sustrato

lingüístico o por contacto de lenguas. Sobre esto último, análisis genéticos en la región evidencian poco impacto genético externo entre los pueblos chachapoya y otros pueblos de los Andes (Barbieri y otros, 2017).

#### 4 Conclusiones

Esta descripción fonética-fonológica del quechua de Chachapoyas o quechua amazonense ha documentado, por primera vez, 2 características poco conocidas en la literatura lingüística sobre esta variedad quechua. Por un lado, un fenómeno de monoptongación que origina vocales medias [e] y [o] a partir de las secuencias de segmentos /a+j/ y /wa/, respectivamente, y, por otro lado, un patrón acentual que regularmente asigna un acento principal en la primera sílaba de la palabra tanto en nombres como en verbos.

Con respecto a la monoptongación, la vocal /a/ final de raíz más la aproximante palatal /j/ de la segunda persona posesora *-yki* genera en los 5 pueblos estudiados una vocal media breve [e]; en cambio, con la primera persona posesora *-y*, el proceso de monoptongación, que origina una vocal media alargada [e:], manifiesta una gradualidad con un estado inicial en Lamud (1), intermedio en Colcamar (2) y avanzado en La Jalca (3), Olleros (4) y Granada (5). Esta gradualidad también se atestigua a nivel léxico en algunas entradas como en *kay* ‘este/esta’, *iskay* ‘dos’ y *pay* ‘él/ella’; sin embargo, Olleros (4) y Granada (5) atestiguan más entradas léxicas monoptongadas. La situación de la vocal monoptongada del sufijo */-wan/* > [-o:n] es regular en todos los distritos a excepción de Lamud en donde el sufijo en cuestión presenta alternancias entre ambas formas [-wan ~ -o:n]. En síntesis, la monoptongación en el quechua de Chachapoyas se encontraría en un estado inicial en Lamud (1) que sería en este sentido la variedad más conservadora y en un estado más avanzado en Olleros (4) y Granada (5) como variedades más innovadoras.

Con respecto a los patrones acentuales, se ha registrado un acento regular en el extremo izquierdo de la palabra prosódica sin importar el número de sílabas ni la categoría gramatical. Un posible acento secundario se ha registrado en los verbos compuestos por más de 4 sílabas. Enunciados ubicados al final de cláusula y con énfasis muestran el acento principal en la antepenúltima o penúltima sílaba de la palabra. En todos estos casos, los correlatos acústicos más evidentes son el contorno tonal, la duración vocálica y el valor de los formantes.

De estas 2 características, resulta de especial interés la descripción del acento en la primera sílaba de la palabra para esta variedad quechua pues caracterizaciones similares se han documentado para un conjunto mayor de variedades del quechua I. Esta particular observación permite postular a esta característica prosódica como uno de los rasgos suprasegmentales atribuibles directamente del protoquechua (Valqui, 2020; Torero, 1964, Cerrón-Palomino, 2003) más que por sustrato o un posible contacto con poblaciones hablantes del quechua I.

### Abreviaturas

1PP	primera persona posesora
2PP	segunda persona posesora
3PP	tercera persona posesora
4PP	cuarta persona posesora
1PS	primera persona sujeto
2PS	segunda persona sujeto
3PS	tercera persona sujeto
4PS/1PSP	cuarta persona sujeto/primera persona sujeto plural
3PFT	tercera persona futuro
ASO	asociativo
CAU	causativo
GER1	gerundio 1
ms	milisegundos

OA1	orientador actancial 1
PER	perfectivo
PLN	plural nominal
PLV	plural verbal
PRE	pretérito

## Referencias

- Bandelier, Adolph. (1907). *The Indians and Aboriginal Ruins Near Chachapoyas in Northern Peru*. Cornell University. Nueva York.
- Barbieri, Chiara y otros. (2017) Enclaves of genetic diversity resisted Inca impacts on population history. *Sci Rep.* 7, p. 17411. Consultado el 20.04.2022, en doi: 10.1038/s41598-017-17728-w
- Carreño, Pablo. (2010). *Quechua de Cajatambo: un esbozo gramatical*. Tesis de Maestría en Lingüística. Pontificia Universidad Católica del Perú Lima. 250 p.
- Biblioteca Nacional del Perú. (1572-1577). *Expediente sobre la causa seguida por Francisco Huamán contra Alonso Chuquymys y Gómez, por la posesión del repartimiento de Leymebamba y Cochabamba, encomienda de Francisco de Guevara*. Manuscrito, signatura A 585. Lima.
- Cerrón-Palomino, Rodolfo. (2003 [1987]). *Lingüística quechua*. Centro de Estudios Regionales Andinos “Bartolomé de Las Casas”. Cusco.
- Culqui, José. (2004). *Llacuash Rimanac'na. Diccionario quechua español*. Imprenta INDUGRAPH. Chachapoyas.
- Elías-Ulloa, José. (2011). *Una documentación acústica de la lengua shipibo-conibo (pano). (Con un bosquejo fonológico)*. Pontificia Universidad Católica del Perú. Lima.
- Escribens, Augusto. (1977). *Fonología del quechua de Ferreñafe*. Universidad Nacional Mayor de San Marcos. Lima.
- Himmelmann, Nikolaus (2012). Linguistic data types and the interface between Language Documentation and Description. *Language Documentation & Conservation*. 6, pp. 187-207.
- Hintz, Diane M. (2006). Stress in South Conchucos Quechua: A Phonetic and Phonology Study. *IJAL*. 72, pp. 477-521.
- Hintz, Daniel J. (2000). *Características distintivas del quechua de Corongo. Perspectivas histórica y sincrónica*. Instituto de Lingüística de Verano. Lima.
- Itier, César. (2013). Las bases geográficas de la lengua vehicular del imperio inca. *Boletín del Instituto Francés de Estudios Andinos*. 42 (2), pp. 237-260.

- Parker, Gary. (2013). *Trabajos de Lingüística histórica quechua*. Pontificia Universidad Católica del Perú. Lima.
- Parker, Gary. (1976). *Gramática quechua: Áncash-Huailas*. Ministerio de Educación del Perú. Lima.
- Pineda, Edith. (1995). *Aspectos de la fonología del quechua de Huancapón (Cajatambo)*. Tesis de Licenciatura en Lingüística. Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima. 150 p.
- Quesada-Castillo, Felix (1988). *Phonological processes in Quechua and their implications for phonological theory*. Tesis de doctorado en Lingüística. Universidad Estatal de Buffalo, Nueva York. 400 p.
- Reichlen, Paule; Reichlen, Henry. (1950). Recherches archéologiques dans les Andes du Haut Utcubamba. *Journal de la Société des Américanistes*. 39, pp. 219-246.
- Santo Tomás, Domingo de. (1995[1560]). *Grammatica o arte de la lengua general de los Indios de los Reynos del Peru*. Estudio introductorio y notas por Rodolfo Cerrón-Palomino. Centro de Estudios Regionales Andinos “Bartolomé de Las Casas”. Cusco.
- Solís, Gustavo. (2003). Extinción del idioma índico (quechua) en Chachapoyas, 1792. *Lengua y Sociedad*. 6, pp. 75-82.
- Schane, Sanford. (1995). Diphthongization in Particle Phonology. En *The Handbook of Phonological Theory* (pp. 586-608). Cambridge/Oxford. Blackwell
- Taylor, Gerald. (2006). *Diccionario quechua de Chachapoyas Lamas*. Instituto Francés de Estudios Andinos - Instituto de Estudios Peruanos - Editorial Commentarios. Lima.
- Taylor, Gerald. (2005). *Método de quechua chachapoyano*. Editorial Commentarios. Lima.
- Taylor, Gerald. (2000). *Estudios lingüísticos sobre Chachapoyas*. Universidad Nacional Mayor de San Marcos - Instituto Francés de Estudios Andinos. Lima.
- Taylor, Gerald. (1996). *La tradición oral quechua de Chachapoyas*. Instituto Francés de Estudios Andinos. Lima
- Taylor, Gerald. (1994). *Estudios de dialectología quechua (Chachapoyas, Ferreñafe, Yauyos)*. Universidad Nacional de Educación. Lima.
- Taylor, Gerald. (1982). *Breve presentación de la morfología del quechua de Ferreñafe*. Lexis. 2, pp. 243-270.
- Taylor, Gerald. (1979). *Diccionario normalizado y comparativo quechua: Chachapoyas-Lamas*. L'Harmattan. París.
- Torero, Alfredo. (2002). *Idiomas de los Andes. Lingüística e Historia*. Instituto Francés de Estudios Andinos - Editorial Horizonte. Lima.

- Torero, Alfredo. (2007 [1974]). *El quechua y la historia social andina*. Fondo Editorial del Pedagógico San Marcos. Lima.
- Torero, Alfredo. (1964). Los dialectos quechuas. *Anales Científicos de la Universidad Agraria*. 2, pp. 446-478.
- Valqui, Jairo. (2020). *Patrones acentuales en el quechua de Chachapoyas y su implicancia para la reconstrucción del protoquechua*. Tesis de doctorado. Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima. 186 p.
- Valqui, Jairo; Jimenez, Jhon; Faucet, Carlos; Elías-Ulloa, José. (2020). Un estudio acústico de las correspondencias sincrónicas de la lateral palatal \*/ʎ/ del protoquechua en el quechua de Chachapoyas. *Forma y Función*. 33 (1), pp. 39-62. <https://doi.org/10.15446/fyf.v33n1.84180>
- Valqui, Jairo y otros. (2019). Documentación lingüística del quechua de Chachapoyas: registro acústico de la monoptongación. *LIAMES*. 19 (1), pp. e019009. <https://doi.org/10.20396/liames.v19i1.8655086>
- Valqui, Jairo; Ziemendorff, Michaela. (2016). Vestigios de una lengua originaria en el territorio de la cultura chachapoya. *Letras*. 87 (125), pp. 5-32. <http://dx.doi.org/10.30920/letras.87.125.1>
- Weber, David. (2008 [1975]). *Apuntes sobre el quechua de Lamud*. Instituto Lingüístico de Verano. Lima.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos o trabalho competente e construtivo dos colegas que se dispuseram a fazer a avaliação crítica dos manuscritos desta coletânea, no âmbito do processo de revisão por pares.

Prof. Dr. Andrés Pablo Salanova  
University of Ottawa

Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Profa. Dra. Aviva Shimelman  
Aposentada

Profa. Dra. Cintia Carrió  
Universidad Nacional del Litoral (UNL) e CONICET

Prof. Dr. Dioney Moreira Gomes  
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Eduardo Rivail Ribeiro  
Biblioteca Digital Curt Nimuendajú

Profa. Dra. Flávia de Castro Alves  
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Dra. Florencia Ciccone  
Universidad de Buenos Aires (UBA) e CONICET

Prof. Dr. Francesc Queixalós  
Aposentado (CNRS/IRD, França)

Prof. Dr. Jaime Peña  
Pontifícia Universidad Católica del Perú (PUCP)

Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho  
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Dra. María Alejandra Regúnaga  
Universidad Nacional de La Pampa (UNLPam) e CONICET

Profa. Dra. Marina Garone Gravier  
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

Profa. Dra. Marina Maria Silva Magalhães  
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Dra. Michelle Machado de Oliveira Vilarinho  
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Dra. Paola Cúneo  
Universidad de Buenos Aires (UBA) e CONICET

Prof. Dr. Spike Gildea  
University of Oregon

Prof. Dr. Thiago Costa Chacon  
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Dra. Zarina Estrada Fernández  
Universidad de Sonora (UNISON)

Agradecemos igualmente ao Prof. Dr. Dermerval da Hora Oliveira, presidente da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), o importante apoio fornecido durante o XIX Congresso Internacional da ALFAL, realizado em 2021, de forma remota, no qual os presentes textos foram inicialmente apresentados em comunicações orais.

## SOBRE OS AUTORES



**Adriana A. Zurlo** es Doctora de la UNNE en Letras (2016) y Licenciada en Letras (2010). Soy investigadora asistente de CONICET en el Instituto de Investigaciones Geohistóricas (II-GHI, CONICET/UNNE), docente de *Lingüística I*, materia de las carreras de Letras de la Facultad de Humanidades (UNNE), donde también me desempeño como Coordinadora académica del Doctorado en Letras. Participo en proyectos de investigación vinculados a aspectos morfosintácticos de lenguas indígenas chaqueñas y del español regional y, a ideologías y representaciones lingüísticas. En estos ámbitos he producido artículos de divulgación, comunicaciones para congresos, capítulos de libros, artículos para revistas. Mis investigaciones tratan sobre: (i) descripción funcional de español regional y lenguas indígenas (guaycurúes), con atención a la morfosintaxis y semántica (estudios sincrónicos de voz media, *aktionsart* y fenómenos de variación lingüística) y (ii) aspectos socioculturales vinculados a estas lenguas (estudios sobre políticas lingüístico-educativas y análisis de representaciones lingüísticas de diversos actores involucrados en el diseño e implementación de las políticas públicas).

*E-mail:* adrianazurlo@comunidad.unne.edu.ar



**Aline da Cruz** é Professora Associada do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Goiás (NTFSI/UFG), onde atua na formação de professores indígenas, de cerca de 27 povos indígenas, oriundos de Goiás, Mato Grosso, Tocantins, Maranhão e Minas Gerais. Pesquisa línguas indígenas em uma perspectiva funcional-tipológica e línguas em contato, particularmente na descrição das variedades de Nheengatu, bem como na sua formação e comparação com línguas da família Tupí-Guaraní. Concluiu o bacharelado e o mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo, e o doutorado na Vrije Universiteit Amsterdam (Países Baixos), em projeto

realizado em parceria com os seguintes centros de pesquisa: Universiteit Leiden (Países Baixos) e Centre d'Études de Langues Indigènes d'Amérique (CELIA/Paris). Foi coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) do curso de Educação Intercultural (2020-2021) e atualmente coordena o NTFSI/UFG. É membro do Núcleo de Tipologia e Línguas Indígenas (NTL / CNPq).

*E-mail:* acruz@ufg.br



**Arthur Britta Scandelari** é Professor voluntário no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da Universidade de Brasília (UnB), doutorando em Linguística (UnB) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Mestre em Linguística (UnB) e bacharel em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (UnB). Estudante dos grupos de pesquisa “Núcleo de Tipologia e Línguas Indígenas (NTL)” (CNPq) e “Funcionalismo, Tipología e Ensino” (CNPq). Pós-graduado em Direito Internacional pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

*E-mail:* scandelari@gmail.com



**Cristian R. Juárez** es Candidato doctoral en la Universidad de Texas en Austin, Magíster en Lingüística por la Universidad de Sonora, México (2013), además de Licenciado en Letras (2011) y Profesor en Lengua y Literatura (2010) por la Universidad Nacional del Nordeste (Argentina). Sus temas de investigación giran en torno a la morfología y sintaxis aplicadas a la documentación y descripción del mocoví hablado en la provincia del Chaco (Argentina). Sus trabajos incluyen aspectos sincrónicos, así como diacrónicos y tipológicos de la morfosintaxis del mocoví en combinación con actividades de promoción y fortalecimiento de la lengua.

*E-mail:* cristianrj@utexas.edu



**Dioney Moreira Gomes** é Professor Associado 4 do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisa línguas indígenas, português do Brasil e língua brasileira de sinais (Libras). Atua também na formação inicial e continuada de professores. Concluiu mestrado e doutorado em Linguística na UnB, tendo sido, durante este último período de formação, pesquisador visitante nos seguintes centros de pesquisa franceses: Centre d'Études de Langues Indigènes d'Amérique (CELIA/Paris) e Laboratoire Dynamique du Langage (DDL/Lyon). Foi coordenador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) do curso de Letras (2014-2018) e coordenou o Programa de Pós-graduação em Linguística da UnB (mestrado e doutorado) no biênio 2012-2013. É líder do grupo de pesquisa Funcionalismo, Tipologia e Ensino (CNPq) e membro-fundador do grupo de pesquisa Núcleo de Tipologia e Línguas Indígenas (NTL/CNPq). Juntamente com a Profa. Dra. Alejandra Regúnaga (CONICET e UNLPam, Argentina), coordena o Projeto 9 “Diversidade linguística na América (Línguas Ameríndias)” na Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL). É membro-fundador da Rede de Investigação e Cooperação Interinstitucional sobre Diversidade Linguística (RICIDIL), a qual reúne universidades do Brasil, México, Argentina e Chile. Foi coordenador de Pesquisa e Inovação do Instituto de Letras da UnB (2022).

*E-mail:* dioney98@gmail.com



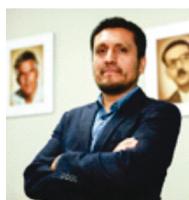
**Gema Silva** es Magíster en Lingüística por la Pontificia Universidad Católica de Perú (PUCP). Actualmente, enseña en esta universidad, en la Universidad Peruana Cayetano Heredia y en la Universidad Nacional Mayor de San Marcos. Ha recibido premios por su desempeño académico y fue ganadora del Programa de Apoyo a la Investigación para Estudiantes de Posgrado (PAIP) en la PUCP, con cuyo financiamiento pudo desarrollar su tesis *La estructura y la semántica de los compuestos nominales en urarina*. Desde el 2017, viene trabajando de manera colaborativa con miembros del pueblo urarina en proyectos de documentación y descripción lingüística, así como de elaboración de materiales educativos. Ha realizado consultorías en temas relacionados con lenguas indígenas para diversas instituciones públicas y privadas.

*E-mail:* gsilvav@pucp.edu.pe



**Jaime Peña** es Ph.D. en Lingüística por la Universidad de Oregon. Actualmente, es profesor del Departamento de Humanidades de la Pontificia Universidad Católica del Perú, donde se ha desempeñado como Director de la carrera de Lingüística en la Facultad de Letras y Ciencias Humanas. Es especialista en descripción, documentación y tipología de lenguas amerindias, especialmente de la Amazonía peruana, donde ha trabajado con lenguas de la familia Jíbaro, Peba-Yagua y con el urarina (aislada), entre otras. Fue ganador del Premio Mary R. Haas de la Sociedad para el Estudio de las Lenguas Indígenas de las Américas (SSILA). Ha presentado y publicado trabajos en diversas conferencias y medios especializados.

*E-mail:* jaime.penat@pucp.edu.pe



**Jairo Valqui** es doctor en Lingüística y magíster en Sociología por la Universidad Nacional Mayor de San Marcos. Ha sido coordinador académico del Programa Descentralizado en Formación de Docentes en Educación Intercultural Bilingüe, Nivel Primaria en Selva Central desarrollado por la Facultad de Educación de la UNMSM entre los años 2011-2014, así como coordinador local para la Asociación Regional de Pueblos Indígenas de la Selva Central entre los años 2008-2009. Entre sus áreas de interés académico, destacan, por un lado, el desarrollo de propuestas sobre interculturalidad en la universidad peruana y, por otro lado, la aplicación de la documentación y descripción de lenguas andinas y amazónicas en el Perú. Actualmente, labora como profesor asociado en el Departamento de Lingüística de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos y, entre sus proyectos de investigación, se aboca al registro de vestigios de la lengua que hablaron los diversos pueblos chachapoya, así como a la documentación del quechua de Chachapoyas.

*E-mail:* jvalquic@unmsm.edu.pe



**María Alejandra Regúnaga** es Doctora en Letras (2011) por la Universidad Nacional del Sur (Bahía Blanca, Argentina). Investigadora adjunta en el Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) y profesora titular regular en la Facultad de Ciencias Humanas de la Universidad Nacional de La Pampa, en las áreas de Lingüística teórica y descriptiva. Es también directora del Instituto de Lingüística en esa misma institución, ámbito en el cual dirige proyectos de investigación sobre lenguas indígenas patagónicas y otras lenguas minoritarias/minorizadas. Sus investigaciones se centran en la descripción de lenguas indígenas de la Patagonia Sur a través de fuentes documentales, principalmente misioneras. Coordina, junto con el Prof. Dr. Dioney Moreira Gomes, el Proyecto 9 “Diversidad lingüística en América (Lenguas Amerindias)” de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL).

*E-mail:* aregunaga@gmail.com



**Marina M. Silva Magalhães** possui mestrado (2002) e doutorado (2007) em Linguística pela Universidade de Brasília, pós-doutorado em linguística pelo Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), Paris, França, sob a supervisão do prof. Dr. Francesc Queixalós (2013) e pós-doutorado na Universidade do Texas em Austin (EUA), sob a supervisão da profa. Dra. Patience Epps (2019), com bolsa de estudos da FAPDF. É professora associada da Universidade de Brasília na área de Linguística e atua nas linhas de pesquisa Teoria e Análise Linguística de Línguas Indígenas e Gramática: Teoria e Análise, tendo como temas de pesquisa principais o estudo da língua Guajá, línguas da família Tupí-Guaraní, descrição e análise de línguas e estudo comparativo.

*E-mail:* marinamsmag@gmail.com



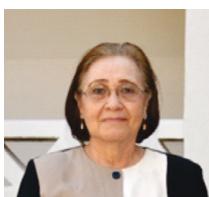
**Walkiria Neiva Praça** é Professora associada do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da Universidade de Brasília onde atua na graduação e pós-graduação. Suas áreas de atuação são Teoria e Análise Linguística, Análise e Descrição de Línguas Indígenas (fonologia e morfossintaxe), Tipologia Linguística e Educação Indígena (Formação de Professores Indígenas). Atuou como professora no ensino médio Tapirapé (projeto Aranowyão). Tem estudado o Apyāwa, tradicionalmente conhecido por Tapirapé, e também se dedica aos estudos comparativos entre o Apyāwa, Tupinambá e Nheengatu (Tupí-Guaraní). Vem desenvolvendo investigações relacionadas ao português ético Apyāwa, ao português brasileiro em uma abordagem afro-indígena, bem como o contato linguístico entre os Apyāwa e os Iny (Karajá). É membro da Rede de Investigação e Cooperação Interinstitucional sobre Diversidade Linguística (RICIDIL), a qual reúne oito universidades do Brasil, México, Argentina e Chile, e do Núcleo de Tipologia e Línguas Indígenas (NTL/CNPq).

*E-mail:* walkiria@unb.br



**Walter Chalco Arangoitia** es bachiller en Literatura con una maestría en Educación Superior por la Universidad Nacional Mayor de San Marcos. Además, es Licenciado en Educación por la Universidad Nacional de Educación Enrique Guzmán y Valle. Tiene una segunda especialización en Lingüística Hispánica por la UNMSM y una especialización en Cualificación y Formación del Profesorado por el Ministerio de Educación de España. Es Intérprete y Traductor en Lenguas Indígenas por el Ministerio de Cultura del Perú. Ha sido docente del Instituto Superior Pedagógico de Puquio (Ayacucho-Perú) entre los años 1985-1999. En la actualidad, es profesor asociado en el Departamento de Lingüística de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos. Sus áreas de interés académico se enfocan en la enseñanza-aprendizaje de lenguas indígenas y el análisis gramatical y discursivo de estas.

*E-mail:* wchalcoa@unmsm.edu.pe



**Zarina Estrada Fernández** es profesora-investigadora de Lingüística en la Universidad de Sonora. Estudió la Licenciatura en Lengua y Literatura Española en la Universidad Nacional Autónoma de México y el Doctorado en Filosofía (Ph.D.) en la Universidad de Arizona en Tucson, Arizona.

La investigación que desarrolla se centra en aspectos tipológicos, sintáctico-semánticos de la cláusula compleja vistos desde una perspectiva diacrónica y de tipología intra-genética, así como en estudios lexicográficos y del discurso oral. Sus publicaciones se centran en lenguas de la familia yuto-azteca habladas en el noroeste de México, entre ellas, pima bajo, tarahumara, yaqui y tepehuano del norte. Entre sus publicaciones se encuentran dos diccionarios de yaqui-español (2004 y en coautoría con otros autores 2016), un volumen sobre Gramática de referencia de pima bajo (2014) y también en coautoría un libro sobre la Historia de vida de una mujer yaqui (2018) y una colección de textos narrativos glosados en yaqui y español. (2021).

*E-mail:* zarina.estrada@unison.mx

## ÍNDICE REMISSIVO

### LÍNGUAS

#### A

- Abipón – 83  
Alemán – 119, 129, 134, 142, 153, 157  
Anamita – 153  
Apyãwa (Tapirapé) – 13, 16, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 30, 32, 33, 36, 37, 44, 45, 175, 179, 183, 184, 186, 187, 198, 201, 203, 204, 279  
Árabe – 129, 134, 144, 153

#### C

- Caduveo – 83, 92, 93  
Castelhano (Castellano) – 11, 222, 230, 233, 242  
Chino – 153  
Creek – 193, 194

#### D

- Danés – 160

#### E

- Emerillón – 19  
Español – 63, 69, 76, 134, 142, 153, 218, 242, 274, 280

#### F

- Francês (Francés) – 129, 134, 142, 153, 157, 180, 182, 183

**G**

- Griego – 125, 134, 143, 144, 149, 153  
Guajá – 13, 16, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 175, 179, 183, 185, 187, 190, 191, 198, 203, 204, 205, 278  
Guajajára – 197  
Guaraní – 13, 16, 19, 21, 22, 23, 44, 45, 47, 124, 174, 175, 179, 181, 183, 197, 198, 201, 202, 205, 274, 278, 279

**H**

- Hebreo – 125, 134  
Holandés – 134, 142

**I**

- Inglês (Inglés, English) – 16, 89, 118, 126, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 142, 153, 160, 182, 183, 193, 228  
Italiano – 129, 134, 142, 153  
Itucali (Itucali) – 214

**K**

- Kaiowá – 19  
Kamaiurá – 13, 16, 19, 20, 23, 24, 25, 27, 28, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 43, 44, 45, 175, 179, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 198, 199, 200, 203  
Katukina – 35  
Kawésqar (Halakwalup) – 156

**L**

- Latín – 125, 146, 147, 149, 150, 153  
Lengua general – 241, 242, 265  
Llakwash – 241

**M**

Maya – 124

Mocoví – 14, 15, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 275

Movima – 44

**N**

Nahuatl (Nootka) – 29

Nheengatu – 20, 274, 279

No'olganaxaq – 15

**P**

Palau das Filipinas – 29

Pilagá – 83, 92, 93

Pima bajo – 14, 54, 55, 56, 59, 62, 63, 280

Polaco – 134

Português – 11, 24, 123, 200, 276, 279

Protoquechua – 242, 243, 248, 266, 268

**Q**

Quechua – 17, 18, 124, 134, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 254, 255, 256, 265, 266, 267, 268, 277

**R**

Rapigeml'ek – 15

Rumano – 134

Ruso – 129, 134, 144

**S**

Sánsrito – 134, 153

Selk'nam – 156

Sueco – 134, 160

Swahili – 90

**T**

- Tailandés – 153  
Takshék – 15  
Tarahumara – 14, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 66, 280  
Tepehuano del norte – 54, 59, 62, 63, 73, 75, 280  
Toba – 14, 15, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111  
Tongiano – 29  
Tupinambá – 13, 19, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 36, 37, 43, 44, 45, 279

**U**

- Urarina (Kacha ere) – 17, 212, 213, 214, 215, 216, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 233, 237, 276, 277

**Y**

- Yagán (Yamana) – 15, 16, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 124, 127, 130, 131, 135, 136, 139, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 165, 166, 167  
Yakut – 91  
Yaqui – 14, 54, 59, 62, 63, 69, 72, 280

**Z**

- Zulu-kafir – 134

## TERMOS

### A

Acento – 17, 18, 133, 136, 218, 221, 241, 245, 256, 258, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268

Actante – 179, 180

Adjunto – 13, 16, 20, 21, 22, 29, 30, 34, 42, 43, 46, 174, 175, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 227

Adjuntos correferenciais – 21, 29, 30, 42, 43, 46

Alfabeto – 84, 122, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 165, 166, 167, 214, 215, 246

Alfabeto fonotípico – 130, 132, 135, 136

Alienável – 36

América (americano) – 7, 8, 9, 10, 14, 80, 116, 117, 118, 120, 126, 134, 155, 156, 182, 207

Anglicano – 15, 118, 122, 124, 125, 127, 130, 139, 157, 165, 166

Argumento – 13, 14, 15, 16, 20, 21, 22, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 89, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 105, 106, 108, 109, 111, 112, 113, 174, 175, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 219

Argumento interno – 14, 20, 22, 28, 36, 38, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 196

Astronomía cultural – 54, 55, 60, 61, 76

### C

Codificación (codificação) – 16, 75, 82, 85, 88, 90, 95, 105, 118, 122, 138, 166, 196

Cognitivo – 8, 17, 178, 212, 213, 217, 218, 220, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 235, 236

- Complemento – 175, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 190, 191, 196  
Composición – 17, 130, 212, 213, 218, 219, 222, 226, 228  
Compuesto – 82, 90, 133, 212, 216, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 237, 248, 250, 268, 276  
Construccional – 17, 212, 218, 219, 223, 228, 229  
Construcciones recíprocas – 14, 15, 80, 81, 82, 88, 89, 90, 91, 96, 97, 111, 112  
Continuo (*continuum*) – 17, 94, 111, 112, 155, 181, 183, 212, 217  
Cosmovisión – 14, 53, 55, 62, 225  
Cultura – 7, 14, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 76, 119, 122

## D

- Diccionario (dicionário) – 55, 69, 118, 122, 129, 130, 157, 159, 166, 192, 280  
Discurso (discursivo) – 14, 15, 53, 54, 55, 61, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 75, 78, 82, 178, 217, 220, 279, 280  
Diversidade (diversidad) – 7, 8, 9, 10, 14, 89, 197, 276, 279  
Documentação (documentación) – 8, 11, 14, 15, 17, 53, 55, 57, 69, 76, 116, 125, 165, 244, 245, 247, 249, 275, 276, 277

## E

- Escala (escalar) – 183, 195, 196, 197, 205, 207  
Estrutura argumental – 13, 19, 22, 25, 35, 40, 45  
Etnográfico (etnografia) – 11, 56, 118, 166, 177  
Expressão dos argumentos – 22, 29, 32, 40, 43, 44

## F

- Frecuencia (frequênci) – 20, 68, 163, 247, 249

## G

- Gramatización – 122, 123, 124

## H

Hierarquia referencial – 21, 32, 42, 47

## I

Identidade (identidad) – 8, 12, 17, 42, 56, 57, 59, 70, 212, 219

Inalienável – 36

Indexação (indexación) – 15, 29, 80, 85, 105

Integración conceptual – 220, 228, 229, 235, 236, 237

## L

Lexema (complejo) – 17, 212, 213, 215, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 229, 231, 233

Lexicalización – 17, 212, 226

Léxico – 17, 54, 68, 76, 99, 129, 176, 212, 214, 218, 219, 223, 227, 248, 253, 254, 255, 267

Lexicográfico – 14, 53, 55, 63, 82, 280

*Linker* – 28, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47

## M

Método – 122, 126, 130, 139, 167, 206, 246

Misionero – 15, 16, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 136, 137, 139, 143, 157, 158, 159, 165, 166, 278

Monoptongación – 17, 18, 241, 245, 250, 253, 254, 255, 267

Morfología derivacional – 13, 19, 38, 45

## N

Nome (nombre) – 13, 19, 21, 22, 25, 28, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 55, 65, 68, 72, 73, 75, 76, 116, 118, 127, 128, 135, 146, 181, 186, 189, 201, 213, 215, 216, 218, 222, 225, 226, 227, 228, 237, 261, 263, 267

**O**

- Objeto – 13, 21, 26, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 93, 98, 99, 108, 111, 113, 175, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 198, 199, 200, 201, 203, 205, 208, 218, 227, 230  
Oblíquo (oblicuo) – 77, 84, 113, 175, 181, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208  
Oração (oración) – 25, 29, 30, 31, 46, 180, 181, 185, 187, 188, 189, 193, 194, 264, 266  
Ortografia – 126, 131, 139, 149

**P**

- Patrimônio (patrimonio) – 8, 9, 12, 53  
Posposição (posposición) – 13, 16, 19, 21, 22, 25, 28, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 182, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 199, 201, 203, 209, 223, 228  
Possuidor – 13, 21, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 205, 208  
Predicado – 13, 15, 19, 20, 21, 22, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 70, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 100, 101, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 180, 181, 182, 184, 185, 188, 193, 194, 200, 202  
Prototípico – 15, 80, 89, 91, 94, 196, 197, 201, 205, 219

**R**

- Relación simétrica – 14, 15, 80, 81, 88, 94, 95, 96, 97, 99, 105, 107, 108, 111  
Retórico – 14, 53, 54, 55, 60, 63, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 75  
Romano – 133, 137, 138, 140, 141, 143, 144

**S**

- Síntagma posposicional – 16, 25, 38, 43, 47, 174, 175, 187, 188, 189, 190, 191, 200, 201, 202, 204

**T**

Terminologia – 16, 40, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 182, 183, 188, 191, 198, 199, 201, 203, 205, 206, 207

Tipológico – 8, 15, 16, 20, 81, 83, 88, 89, 90, 174, 175, 177, 178, 207, 213, 214, 221, 274, 275, 280

Transcripción (*transcription*) – 15, 17, 84, 116, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 133, 136, 138, 139, 141, 148, 149, 150, 157, 158, 160, 161, 165, 166, 167, 221, 246, 247

**V**

Valência – 19, 21, 22, 32, 35, 36, 38, 39, 83, 88, 90, 178, 200, 202, 205

Verbo – 13, 15, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 35, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 46, 80, 83, 84, 86, 87, 91, 94, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 107, 109, 112, 124, 179, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 195, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 208, 209, 215, 216, 218, 219, 223, 225, 226, 227, 237, 261, 262, 263, 267, 268

